

IPSA CONTERET CAPUT TUUM



# Regina Milites

OS

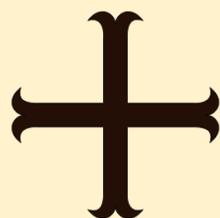
# ERROS DA RÚSSIA E A TRADIÇÃO DA SERPENTE



INSTITUTO ESTUDOS NACIONAIS  
[ESTUDOSNACIONAIS.COM/REGINAMILITES](http://ESTUDOSNACIONAIS.COM/REGINAMILITES)



OS  
ERROS  
DA RÚSSIA  
E A TRADIÇÃO DA  
SERPENTE



INSTITUTO ESTUDOS NACIONAIS  
[ESTUDOSNACIONAIS.COM/REGINAMILITES](http://ESTUDOSNACIONAIS.COM/REGINAMILITES)

# **Regina Milites**

[estudosnacionais.com/reginamilites](http://estudosnacionais.com/reginamilites)

INSTITUTO ESTUDOS NACIONAIS  
estudosnacionais.com

Edição  
*Cristian Derosa*

Conselho editorial  
*Equipe Regina Milites*

ESTUDOS NACIONAIS  
PUBLICAÇÕES

2024

O **Regina Milites** é formado por um grupo de pesquisadores e ativistas católicos com interesses por temas como os fundamentos espirituais e ocultos da geopolítica, bem como as relações das ideologias modernas com as seitas políticas e suas ramificações culturais, vertentes na cultura moderna e os movimentos espiritualistas que influenciam o imaginário da cultura ocidental.

# Sumário

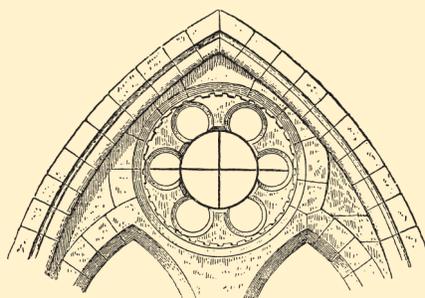
<a href="#">Ladainha da Humildade</a>	6
<a href="#">Contra os erros da Rússia e a Tradição da Serpente</a>	10
<a href="#">São Miguel, príncipe das milícias celestes</a>	28
<a href="#">Ladainha dos Santos Anjos</a>	36
<a href="#">O corpo místico de Satanás</a>	47
<a href="#">As duas descendências</a>	56
<a href="#">Salmo 138 e o Ódio Perfeito</a>	85
<a href="#">Messianismo russo: “Grande Monarca” de Nostradamus e a “Terceira Roma”</a>	86
<a href="#">O modernismo de Alexander Dugin</a>	95
<a href="#">Os riscos espirituais da inteligência artificial</a>	112
<a href="#">O demônio da distração</a>	135
<a href="#">A peçonha perpétua</a>	158
<a href="#">O poder do Reino de Cristo</a>	162
<a href="#">A imagem da vida religiosa no mundo atual</a>	165
<a href="#">A grande ingenuidade dos apóstolos da Educação Clássica</a>	176
<a href="#">A verdadeira guerra eterna por trás da modernidade</a>	204
<a href="#">O “diálogo inter-religioso” de São Francisco com o Sultão</a>	208

## QUEM SOMOS

***Regina Milites*** é uma revista católica antimoderna, anti-igualitária e abertamente contra-revolucionária. Sua meta é unir intelectuais e leitores católicos para um verdadeiro caminho de santidade através da vigilância e do combate aos erros modernos, sejam eles liberais ou as falsas alternativas pseudo-tradicionais da gnose pós-moderna que rasteja como serpente venenosa pelo imaginário na cultura e sua variedade de formas e linguagens perniciosas. ***Regina Milites*** é uma revista e um manifesto de confiança e resistência para os tempos do calvário da Santa Igreja, do qual nos colocamos aos pés como fez a Virgem Maria, para sofrer com valor e lutar contra os inimigos de Deus, fazendo deles os nossos inimigos pessoais.

***“Inimicitias ponam inter te et mulierem, et semen tuum et semen illius; ipsa conteret caput tuum, et tu insidiaberis calcaneo eius”.***

*[Porei inimizades entre ti e a Mulher, entre a tua raça e a d’Ela; Ela te esmagará a cabeça, e tu armarás ciladas ao seu calcanhar” (Gn 3, 15)]*



## **Madainha da Humildade**

*Do Servo de Deus Cardeal Merry Del Val*

*Jesus, manso e humilde de coração, ouvi-me.  
Do desejo de ser estimado, livrai-me, ó Jesus.  
Do desejo de ser amado, livrai-me, ó Jesus.  
Do desejo de ser conhecido, livrai-me, ó Jesus.  
Do desejo de ser honrado, livrai-me, ó Jesus.  
Do desejo de ser louvado, livrai-me, ó Jesus.  
Do desejo de ser preferido, livrai-me, ó Jesus.  
Do desejo de ser consultado, livrai-me, ó Jesus.  
Do desejo de ser aprovado, livrai-me, ó Jesus.*

*Do receio de ser humilhado, livrai-me, ó Jesus.  
Do receio de ser desprezado, livrai-me, ó Jesus.  
Do receio de sofrer repulsas, livrai-me, ó Jesus.  
Do receio de ser caluniado, livrai-me, ó Jesus.  
Do receio de ser esquecido, livrai-me, ó Jesus.*

*Do receio de ser ridicularizado, livrai-me, ó Jesus.  
Do receio de ser difamado, livrai-me, ó Jesus.  
Do receio de ser objeto de suspeita, livrai-me, ó  
Jesus.*

*Que os outros sejam amados mais do que eu, Jesus,  
dai-me a graça de desejá-lo.*

*Que os outros sejam estimados mais do que eu,  
Que os outros possam elevar-se na opinião do  
mundo, e que eu possa ser diminuído,*

*Que os outros possam ser escolhidos e eu posto de  
lado,*

*Que os outros possam ser louvados e eu desprezado,  
Que os outros possam ser preferidos a mim em  
todas as coisas,*

*Que os outros possam ser mais santos do que eu,  
embora me torne o mais santo quanto me for  
possível, Jesus, dai-me a graça de desejá-lo.*



*“O Gênero Humano, após sua miserável queda de Deus, o Criador e Doador dos dons celestes, “pela inveja do demônio,” separou-se em duas partes diferentes e opostas, das quais uma resolutamente luta pela verdade e virtude, e a outra por aquelas coisas que são contrárias à virtude e à verdade. Uma é o reino de Deus na terra, especificamente, a verdadeira Igreja de Jesus Cristo; e aqueles que desejam em seus corações estar unidos a ela, de modo a receber a salvação, devem necessariamente servir a Deus e Seu único Filho com toda a sua mente e com um desejo completo. A outra é o reino de Satanás, em cuja possessão e controle estão todos e quaisquer que sigam o exemplo fatal de seu líder e de nossos primeiros pais, aqueles que se recusam a obedecer à lei divina e eterna, e que têm muitos objetivos próprios em desprezo a Deus, e também muitos objetivos contra Deus”.*

PAPA LEÃO XIII  
(*Humanum Genus*)



## **Manifesto Editorial**

# CONTRA OS ERROS DA RÚSSIA E A TRADIÇÃO DA SERPENTE

## *O diagnóstico e um manifesto*

### *O diagnóstico*

No último século, muitos conservadores, mesmo católicos, acostumaram-se a combater o materialismo da modernidade representados quase exclusivamente pelos movimentos comunistas, desenvolvidos a partir da utopia liberal, esta proveniente da filosofia iluminista, fruto da mentalidade antropocentrismo da Renascença. Ainda que salutar sob o ponto de vista espiritual, esta rejeição centrada exclusivamente no erro do materialismo liberal favoreceu um esquecimento, ou mesmo uma indiferença, sobre a verdadeira origem espiritualista atuante tanto no comunismo quanto no

liberalismo, deixando de fora as influentes raízes que a modernidade compartilha com as mais antigas heresias, todas elas filhas da mesma mãe: a Antiga Serpente, inimiga mortal da Santa Igreja. Confundindo o erro moderno com o seu efeito cultural e econômico, o materialismo, muitos conservadores abriram as portas do indiferentismo religioso segundo o qual toda religião seria preferível ao materialismo moderno.

O dualismo cartesiano, que separa corpo e alma, mente e corpo, também favoreceu um foco na corporalidade, deixando as razões e justificativas espiritualistas num plano relegado à subjetividade daqueles intelectuais iluministas profundamente envolvidos com esoterismo e práticas anticristãs.

A tradição serpentina se disfarçou ainda melhor na política, em meio às ideologias e falsas dicotomias contemporâneas entre globalismo e tradições. Em nome de uma pretensa conscientização espiritual com vistas à possibilidade de uma conversão, cristãos entraram na política defendendo uma espiritualidade genérica,

quando não subvertendo a própria doutrina católica em benefício duvidoso de almas que se distanciaram ainda mais da Igreja. Isso abriu portas ainda mais perniciosas para os espiritualismos.

Se a Maçonaria, velha inimiga da Igreja e face moderna da Serpente, logrou inserir na modernidade o indiferentismo religioso expresso no movimento da Nova Era com seus sincretismos satânicos, foi o gnosticismo, sob a propaganda de estudos de religiões, que inseriu o novo indiferentismo tradicionalista por meio do perenialismo, difundido principalmente pelos gurus pós-modernos René Guénon e Frithjof Schuon.

Assim como a ocultista e terrorista espiritual, Helena Blavatsky, René Guénon teve grande influência na metafísica que fundamentou as ideologias fascistas, especialmente através da sua crença na Tradição Primordial, tese compartilhada por ariosofistas e espiritualistas do início do século XX que embasaram o nazismo. Adaptado a diversas situações regionais e tradicionais, o perenialismo esteve por trás de uma

união pouco conhecida por conservadores, entre os neonazistas e os comunistas a partir do final da Guerra Fria, o que culminou na ideologia eurásiana atual.

### *Do espiritualismo à política de Terceira Posição*

O espírito conservador na intelectualidade ocidental acostumou-se a interpretar como principal inimigo do Ocidente, o comunismo e, mais recentemente, o globalismo como uma ideologia advinda da ameaça totalitária soviética aliado ao liberalismo cultural e ao ambientalismo. Sendo assim, a proposta de um universalismo liberal ocidental tornou-se o principal adversário dos valores cristãos, especialmente no que se refere ao catolicismo. Sabemos, dessa forma, como a influência de Antônio Gramsci e da Escola de Frankfurt atuaram na desagregação das hierarquias espirituais por meio da reforma dos comportamentos morais, tema que para a maioria não necessita de grandes aprofundamentos. No entanto, uma série de ruídos produzidos pela própria condição da desinformação comunista e seu desenvolvimento no Ocidente,

dispersaram a nossa capacidade de diagnosticar efetivamente o modo como o inimigo age, terminando por criar um imenso ponto cego que ocultou o crescimento e aproximação do verdadeiro monstro que hoje nos rodeia e ocupa grande espaço sem que nos demos conta.

Para compreendermos o tamanho do problema, é preciso retornar à compreensão mais profunda da natureza do movimento revolucionário e sua mentalidade dialética: divididos em internacionalistas e nacionalistas antes da Segunda Guerra Mundial, os revolucionários tornaram o nacionalismo uma arma útil para a Revolução.

Nas décadas de 20 e 30, os fascismos eram moda em diversos países, sendo na Alemanha e Itália os casos mais famosos. Mas tivemos, no Brasil, movimentos como a Ação Integralista Brasileira, que sucumbiu junto do nazismo como ideologia que perdia aparentemente a força persuasiva depois de descobertas as suas atrocidades. Mas a sua ideologia jamais morreu.

Isto se percebe pela influência crescente de Martin Heidegger no Ocidente e principalmente na Europa. Como mostra o historiador chileno Victor Farias, no livro *Heidegger e sua Herança*, os seguidores heideggerianos jamais deixaram de escrever, organizar seminários e discussões durante o período da Guerra Fria, época marcada pela crença generalizada na ideia de que o nazismo havia sido sepultado com Hitler. Pouco se sabe sobre este período, mas sabe-se que em 1992, pouco depois da Queda do Muro de Berlim, os movimentos neonazistas que já não eram mais tão discretos, passaram a evocar Heidegger em uma nova perspectiva, não mais apenas alemã, mas europeia. Essa ampliação se segue até hoje, abarcando uma metapolítica incrivelmente abrangente que culmina no seu uso por Alexander Dugin, o ideólogo favorito de Putin.

Farias explica o que poucos escritores conseguiram perceber: com a Queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha, houve uma mudança de

discurso entre os neonazistas, que os permitiu alavancar a sua ideologia em uma nova roupagem. Convictos de que o comunismo já não era mais um problema, e que o liberalismo havia se tornado hegemônico na nova ideia de sociedade, neonazistas como o francês Pierre Krebs, por meio de sua revista Thule-Seminar, criada em 1980, passaram a defender a união com os alemães do Leste, isto é, os comunistas, em rejeição radical a todo movimento de direita que estivesse em linha com os Estados Unidos, considerado a origem do problema liberal que dominava o mundo desde o pós-guerra. De fato, eles atacavam o que os conservadores atuais chamam de globalismo. Mas, diferente destes conservadores que até pouco tempo atrás criticavam agudamente o comunismo, estes intelectuais da Thule-Seminar não viam problema numa política igualitária e simultaneamente racial.

“O liberalismo e o comunismo foram incapazes de perceber a importância decisiva do ‘espírito’”, resume Farias sobre o pensamento defendido por nomes como Krebs em sua publicação. Numa frase publicada em sua

revista, em 1992, Krebs expôs um discurso que demonstra a guinada do neonazismo daquele período em que poucos estavam atentos a este fenômeno:

*“Nós nos unimos à Nova Esquerda na medida em que ela também assume a Europa como o centro, e estamos contra a Velha Direita, que insiste na terrível ameaça do Atlantismo<sup>1</sup>”.*

A Alemanha foi a origem do movimento que buscava uma identidade espiritual, partindo da raça, centrada nos mitos racialistas da Ariosofia de Guido Von List, inspirado por sua vez nas excêntricas visões de Blavatsky. Mas a partir da reunificação da Alemanha, parece ter sido oportuna a unificação entre direita e esquerda numa terceira via, isto é, numa terceira posição que marchou na direção da Europa como europeia. Tudo isso valendo-se de Heidegger.

Em sua *Introdução à Metafísica*, recorda Farias, Heidegger enfatiza o papel decisivo de um necessário

---

<sup>1</sup> Mut zur Identität, p. 33, apud Farias, Victor. Heidegger e Sua Herança.

renascimento da Alemanha como condição indispensável ao renascimento da própria Europa, uma conclusão que simplesmente ampliou o nazismo para a Europa sem que ninguém percebesse. É com esta ideia em mente que os neonazistas propõem, em 1990, a nova Revolução que une as duas pontas na chamada Terceira Posição, apenas três anos antes de ser assinado o Tratado que dava início à União Europeia. Não por acaso, Robert Schuman, considerado o artífice da UE, era um defensor das “organizações comunitárias”, termo utilizado por Heidegger. Apesar disso, Schuman era um liberal, mas as ideias entre esquerda e os neonazistas estavam numa época de incrível, porém discreta, confluência. A união dos neonazistas com a chamada “nova esquerda” estava a um passo de ser efetivada, concretizando o conselho proposto por nomes como Francis Parker Yockey<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> “Dos anos 60 e 70 em diante, a “Revolução Conservadora”, movimento intelectual germânico revolucionário que se opunha ao liberalismo e ao comunismo, formou uma das bases da política da Terceira Posição (fascismo), vendo os Estados Unidos e o capitalismo liberal como o principal inimigo, e buscando uma aliança com a União Soviética. Este movimento propunha uma aliança e solidariedade com revolucionários comunistas no Terceiro Mundo, incluindo a Ásia e a América Latina, e os opositores árabes de Israel. O seu principal teórico foi Francis Parker Yockey, que defendia que fosse feita uma reaproximação da direita

Contra a ideia de uma “sociedade” defendida pelo liberalismo, eles propunham o retorno da “comunidade” com suas tradições, ainda que sob um ponto de vista indiferentista, isto é, profundamente influenciado por um tradicionalismo perenialista que já havia sido defendido no início do século por nomes como René Guénon, base do ideal de nazistas históricos como Herman Wirth, de quem o russo Alexander Dugin considera a melhor versão das ideias de Guénon.

Mas se nomes como Krebs ampliaram a metapolítica neonazista da Alemanha para a Europa, Dugin, valendo-se do mesmo instrumental fornecido por Heidegger propõe que é a Eurásia a conclusão, a síntese, deste renascimento europeu que, no final, caberá à Rússia espalhar pelo mundo. Com isso em mente, Dugin cria a sua Quarta Teoria Política, que não vem a ser uma teoria, mas antes um método ou técnica, através do qual cada país irá criar sua própria ideologia tendo como únicos pontos de contato a defesa das tradições,

---

fascista com a Rússia comunista, tornando-se a plataforma fundamental da Nouvelle Droite (nova direita).

sejam elas racistas ou totalitárias, desde que não se oponham ao projeto russo.

Sob o ponto de vista espiritual, o perenialismo guenoniano é a principal plataforma na qual tudo poderá ser realizado, já que para o francês convertido ao islamismo esotérico, toda tradição pode ser legítima desde que se ligue à mítica Tradição Primordial, centro ancestral e espiritual que uniria todas as grandes tradições da humanidade. A única tradição que não pertence a este guarda-chuva supostamente salvador parece ser a da Igreja Católica, segundo a qual nada foi ensinado por Cristo em segredo, rejeitando, assim, toda forma de esoterismo iniciático sob o qual se organizam as sociedades maçônicas que Guénon considerava indispensáveis no Ocidente para a manutenção da Tradição Cristã. Mas como ficará claro nesta edição do *Regina Milites*, a tradição defendida pela Maçonaria nada mais é que a própria tradição da Antiga Serpente, velho inimigo de Deus e de Sua Igreja.

## *O manifesto*

Estamos certamente diante da maior ameaça ao catolicismo, já que os próprios conservadores e movimentos de direita encontram-se cativos da Rússia ou de algum nível de indiferentismo religioso, seja por convicção ideológica, religiosa ou um perigoso pragmatismo político advindo de um falso diagnóstico.

Diante deste cenário, em que alguns católicos preferem, ou o apostolado da “boa figura” para esquerda, para hereges ou seguidores de falsas religiões; ou uma revolta contra o mundo moderno que aceita ou considera até conversões ao Islã ou ao cristianismo cismático ortodoxo numa busca por combatividade; só um retorno ao verdadeiro combate católico terá o poder real de centrar fogo ao verdadeiro inimigo. Enquanto muitos buscam alívio dos abusos litúrgicos colocando feis contra o clero, atacando prelados progressistas e modernistas, agredindo assim a hierarquia sagrada, que por mais pecadora que se encontre está e estará até o fim

dos tempos ligada na Terra por Aquele que a ligou no Céu, um combate precisa ser feito de maneira objetiva e sem rodeios. Assim, o **Regina Milites** se propõe a alertar os próprios católicos para a guerra eterna que nunca se amenizou, apenas se acentuou, mas fazendo-o por intermédio daquela que é dispensadora de todas as graças, Maria Santíssima!

Não há que se perder tempo na conversão de protestantes ou ateus por meio de respostas lógicas e disputas de erudição ou respostas bíblicas, mas da afirmação contundente e ousada, no tom do mesmo radicalismo com o qual os inimigos de Deus O ofendem. A modernidade católica carece de radicalismo. Mais do que isso, anseia por ele.

É preciso alertar e denunciar, chamar os católicos à devoção mais profunda e ao combate espiritual, alistando-se num verdadeiro exército feito do ativismo anônimo da busca radical por uma santidade sem a qual nenhum outro ativismo será frutífero. Todas as ordens, congregações ou iniciativas combativas da Igreja

trouxeram grandes vitórias para Cristo e por isso foram grandemente perseguidas. Só a combatividade católica, por meio do exemplo dos santos, conduz ao verdadeiro amor ao sofrimento e ao martírio, que é o amor à Cruz, desígnio espiritual cada vez mais urgente, senão igualmente um incremento à busca de sentido na qual se perdem as almas no labirinto de opções e subjetividades que o mundo moderno oferece.

Nosso apostolado, portanto, é antes de tudo mariano, fazendo da voz de Nossa Senhora a nossa própria, especialmente no que toca

- *à mensagem de Fátima sobre os Erros da Rússia, acrescentando à ela o combate iniciado pela Igreja com valorosos Papas.*
- *Leão XIII, contra a ameaça maçônica, hoje representada pelo tradicionalismo gnóstico do perenialismo,*
- *Iniciativas de grandes nomes da Igreja neste combate, inscritos na mais nobre linhagem mariana, a verdadeira e única Descendência da Mulher,*

*representada pela Igreja Católica nas vidas de santos e grandes homens como*

- *São Bernardo de Claraval, na regra dos Cavaleiros Templários,*
- *São Bento de Núrsia*
- *São Francisco e São Domingos, na devoção mais radical a Nossa Senhora,*
- *Papa São Pio X, em sua cruzada contra o Modernismo,*
- *São Maximiliano Kolbe, com sua Milícia da Imaculada,*
- *entre tantos outros, na certeza de continuar, por meio de leigos e clérigos, o verdadeiro combate espiritual e intelectual que precisa ser travado nestes Últimos Tempos.*

Com isso, também evocamos aqueles que, no combate ao inimigo mais mortífero da Revolução, viram em Nossa Senhora o único e derradeiro remédio à humanidade:

- *São Luís Maria Grignion de Montfort, com o seu método de Consagração a Nossa Senhora e*

- *Plinio Corrêa de Oliveira, em sua verdadeira cruzada da Contra-Revolução, mantida por meio da devoção popularizada por Montfort.*

Com isto, certos de estar fazendo tudo o que pudermos com Maria, em Maria e Por Maria, pedimos à Mãe do Salvador que abençoe esta iniciativa e cumule de graças todos os que a auxiliarem no apostolado e na busca pelo verdadeiro conhecimento que é aquele obtido através da virtude da humildade, conquistada somente pela Graça Santificante recebida exclusivamente pela Santa Igreja Católica Apostólica Romana, prefigurada pela Arca de Noé, fora da qual não há salvação, de quem o próprio Deus quis valer-se para salvar o gênero humano.

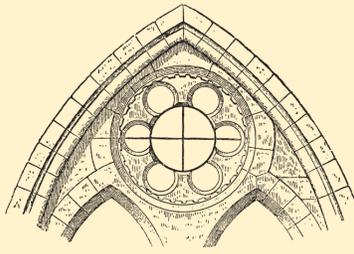
***“Ipsa Conteret Caput Tuum”***

*[Ela te esmagará a cabeça]*

***Salve Maria Santíssima!***

*“Quem é esta que  
surge como a aurora,  
bela como a lua,  
brilhante como o sol,  
terrível como um  
exército em ordem de  
batalha?”*

*Cântico dos Cânticos 6,*



“E nós, grande Deus, embora haja tanta glória e tanto lucro, tanta doçura e vantagem em servir-Vos, quase ninguém tomará vosso partido? Quase nenhum soldado se alistará em vossas fileiras? Quase nenhum S. Miguel clamará no meio de seus irmãos, cheio de zelo pela vossa glória: quis ut Deus?”

*São Luís Maria  
Grignon de Montfort*



Guerra Espiritual

# SÃO MIGUEL, PRÍNCIPE DAS MILÍCIAS CELESTES

*Regina Milites*

*Foi o arcanjo São Miguel que derrotou Lúcifer e seus asseclas depois que aquele anjo soberbo declarou-se infiel a Deus com seu “Non Serviam”, palavras que ecoaram por toda a eternidade como num brado de eterna e voluntária inimizade.*

O plano de Deus havia sido revelado aos coros angélicos: o próprio Deus se encarnaria como homem, nasceria de uma mulher, mortal, perfeitíssima e imaculada, destinada a ser coroada Rainha dos Anjos. Diante da imensidão do poder de Deus, aos anjos isso parecia incompreensível. A obediência confiante da grande maioria, porém, falou mais alto. Exceto para o anjo portador da luz, o mais belo e grande das cortes celestes, Lúcifer, que deu um brado de Rebelia Primordial, que ecoou pela eternidade. Foi contra este brado soberbo, e em defesa da obediência a Deus, que levantou-se o grande defensor Miguel.

Segundo o padre e exorcista espanhol, José Fortea, em seu livro *História do Mundo dos Anjos*, esta batalha magna entre anjos e demônios, que originou a inimizade eterna, tratou-se de um brado dos anjos contra a rebeldia. Diante do “não servirei” da rebeldia angélica, um anjo gritou simplesmente: “Quem como

Deus!” Era Miguel, também traduzido como “aquele que é como Deus”. O grito que acordou todas as cortes e coros celestes foi uma exclamação contundente contra o primeiro ato de rebeldia da história. Diante de Lúcifer, estava Miguel, um anjo menor, alçado à posição de comandante ao enfrentar o grande anjo de luz e dizer-lhe encarando-o: “Vós sois um soberbo”!

Naquele início do *Proelium Magnum*, como é chamada a batalha eterna dos anjos, Lúcifer ainda era respeitado, diz o padre exorcista. As palavras de Miguel feriram ainda mais o orgulho do Rebelde Primordial, já que ninguém ousava enfrentá-lo. Lúcifer, assim, chorou de raiva, retirando-se. A partir dali, uma grande divisão teve início no mundo angélico, recorda o pe. Fortea.

## *Depois do choro, o ranger de dentes*

A grande divisão entre anjos se fez pelo olhar a Lúcifer. Uns com raiva dele, outros com admiração pela ousadia da sua rebeldia em nome de uma noção de justiça que parecia estar acima de Deus. Os motivos para uma grande rebelião soavam convincentes para a maioria dos anjos, maquiando e ocultando a verdadeira razão por trás, que era o orgulho ferido de Lúcifer.

O eco da sua voz de rebeldia preencheu os céus e levou milhares de anjos com ele. Do outro lado, uma multidão de anjos queria que esse brado de rebeldia se apagasse para sempre. Mas era tarde e este jamais desapareceu, ecoando pela eternidade em um ato cujo arrependimento seria impossível. A força do irreversível arrastou e conduziu uma imensa e grandiosa batalha pelos céus, de onde se poderiam ver relâmpagos de magnitude indescritível para simples

mortais. Uma vez vencida, a batalha conduziu os rebeldes aos infernos, lugar criado especialmente para abrigar a rebeldia e seus frutos.

Mas diante da Criação do mundo material, contingente e temporal, o eco dessa batalha primordial encarnou-se na Terra como a estrutura de uma realidade que aguarda um termo: o Dia do Juízo.

### *Devoção aos santos anjos*

Vem desta batalha a necessidade da devoção aos anjos pela Igreja, tradição há muito mantida pela piedade popular e chancelada pelo Magistério. Como todos os ritos antigos da Igreja, o rito romano tradicional está repleto de referências e alusões aos santos anjos e, mais do que isso, de orações a eles dirigidas, sobretudo se levarmos em conta o *Asperges me* e a oração a São Miguel Arcanjo.

Uma das devoções mais conhecidas é a Quaresma de São Miguel Arcanjo, criada por São Francisco de Assis ainda na Idade Média. Esta tradição franciscana se espalhou pelo mundo, mas ganhou especial interesse no Brasil, onde ela é bastante popular. Ela é iniciada no dia 15 de agosto e encerrada em 29 de setembro, dia do Arcanjo São Miguel.

### *A visão de Leão XIII e São Miguel*

No final do século XIX, a visão profética do Papa Leão XIII deu nova força para essa antiga e tradicional devoção. O Papa teve uma visão na qual o Demônio pedia a Deus nada menos que 100 anos para agir livremente na Terra. Na visão do Papa, Deus concedeu ao Adversário este tempo para perder as almas no mundo, o que deixou o Papa incrivelmente assustado. Não apenas isto, mas o Papa também viu o Demônio sentar-se no trono da Igreja.

Assim, Leão XIII criou a famosa oração a São Miguel, conhecida ainda hoje, e recomendada ao final de toda Santa Missa. A devoção específica a São Miguel é facilmente compreensível diante da vitória da batalha primordial entre os anjos, na qual ele teve especial atuação. Essa especial devoção se deve ainda pela maior das virtudes representadas pelo arcanjo Miguel: a humildade.

*São Miguel Arcanjo, defendei-nos no  
combate, sede nosso refúgio contra a  
maldade e as ciladas do demônio.  
Ordene-lhe Deus, instantemente o  
pedimos; e vós, príncipe da milícia  
Celeste, pela virtude divina, precipitai  
no inferno a Satanás e aos outros  
espíritos malignos que andam pelo  
mundo para perder as almas. Amém.*

Mas essa devoção foi sendo enfraquecida com o passar do tempo. Tanto que, a partir da segunda metade do século XX, os católicos já não se

interessam pela importante devoção aos anjos. Isso se deve ao clima de materialismo, ao indiferentismo religioso que marcou a cultura moderna, que passou a associar o culto aos anjos como uma tradição “medieval” que não tinha mais seu lugar no mundo atual.

Mas o interesse pela devoção aos anjos vem retornando, especialmente em grupos carismáticos, inicialmente, mas também entre católicos mais conservadores, mas que não conservam os preconceitos modernos com os elementos tradicionais da fé católica, tampouco comungam da suposta necessidade de adaptação estética ou doutrinária entre a Igreja e o mundo.

*São Miguel Arcanjo, rogai por nós!*

*Santa Maria, Rainha dos Anjos, rogai por nós!*

# Ladainha dos Santos Anjos



A ladainha e as demais orações abaixo foram extraídas de uma antiga coletânea de preces devocionais chamada *Coeleste Palmetum* (4.<sup>a</sup> ed., 1864, Malinas, H. Dessain [ed.], pp. 202–206) e traduzidas do latim pelo site do padre Paulo Ricardo, disponível em seu site.

*Senhor, tende piedade de nós.*

*Cristo, tende piedade de nós.*

*Senhor, tende piedade de nós.*

*Jesus Cristo, ouvi-nos.*

*Jesus Cristo, atendei-nos.*

*Deus Pai dos céus, tende piedade de nós.*

*Deus Filho, Redentor do mundo, tende piedade de nós.*

*Deus Espírito Santo, tende piedade de nós.*

*Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.*

*Santa Maria, rogai por nós.*

*Santa Mãe de Deus, rogai por nós.*

*Santa Virgem das virgens, rogai por nós.*

*São Miguel, que sempre fostes o defensor do povo de Deus, rogai por nós.*

*São Miguel, que precipitastes do céu a Lúcifer com seus cúmplices rebeldes, rogai por nós.*

*São Miguel, que lançastes no fundo do inferno o acusador de nossos irmãos, rogai por nós.*

*São Gabriel, que manifestastes a Daniel a visão divina, rogai por nós.*

*São Gabriel, que prenunciastes o nascimento e o ministério de João Batista, rogai por nós.*

*São Gabriel, que fostes o mensageiro da Encarnação do Verbo divino, rogai por nós.*

*São Rafael, que levastes e trouxestes Tobias a salvo, rogai por nós.*

*São Rafael, que expulsastes o demônio de Sara, rogai por nós.*

*São Rafael, que devolveistes a vista a Tobit, rogai por nós.*

*Santos anjos, rogai por nós.*

*Que estais sobre o sólio excelso e elevado de Deus, rogai por nós.*

*Que cantais continuamente a Deus Santo, Santo, Santo, rogai por nós.*

*Que, dissipadas as trevas, iluminais nossa mente, rogai por nós.*

*Que anunciais aos homens as coisas divinas, rogai por nós.*

*Que recebestes de Deus a guarda dos homens, rogai por nós.*

*Que sempre contemplais a face do Pai que está nos céus, rogai por nós.*

*Que vos alegrais com a penitência de um só pecador, rogai por nós.*

*Que fustigastes os sodomitas com a cegueira, rogai por nós.*

*Que tirastes a Ló do meio dos pecadores, rogai por nós.*

*Que subis e desceis pela escada de Jacó, rogai por nós.*

*Que no monte Sinai entregastes a Moisés a lei divina, rogai por nós.*

*Que, no nascimento de Cristo, anunciastes a alegria aos homens, rogai por nós.*

*Que servistes a Cristo no deserto, rogai por nós.*

*Que levastes Lázaro até o seio de Abraão, rogai por nós.*

*Que vos sentastes com vestes brancas junto ao sepulcro de Cristo, rogai por nós.*

*Que, na Ascensão de Cristo ao céu, aparecestes aos seus discípulos, rogai por nós.*

*Que haveis de preceder a Cristo, quando vier julgar com o sinal da cruz, rogai por nós.*

*Que haveis de reunir os eleitos no fim dos tempos, rogai por nós.*

*Que haveis de separar os maus do meio dos justos, rogai por nós.*

*Que apresentais a Deus as preces dos que oram, rogai por nós.*

*Que assistis os moribundos, rogai por nós.*

*Que conduzis ao céu as almas dos justos purificadas de toda mancha, rogai por nós.*

*Que pela virtude de Deus realizais prodígios e milagres, rogai por nós.*

*Que sois enviados em ministério aos herdeiros da salvação, rogai por nós.*

*Que cuidais até da Babilônia, mas deixais, indo embora, quem não quer vosso cuidado, rogai por nós.*

*Que fostes constituídos sobre os reinos e as províncias, rogai por nós.*

*Que desbaratais muitas vezes os exércitos inimigos, rogai por nós.*

*Que libertais muitas vezes os servos de Deus dos cárceres e outros perigos de vida, rogai por nós.*

*Que viestes muitas vezes consolar os mártires em seus tormentos, rogai por nós.*

*Que costumais guardar com peculiar cuidado os prelados da Igreja, os príncipes e seus curadores, rogai por nós.*

*Todas as santas ordens dos espíritos bem-aventurados, rogai por nós.*

*De todos os perigos, por vossos santos anjos, livrai-nos, Senhor.*

*Das insídias do diabo, livrai-nos, Senhor.*

*De toda heresia e cisma, livrai-nos, Senhor.*

*Da peste, da fome e da guerra, livrai-nos, Senhor.*

*Da morte súbita e desprevenida, livrai-nos, Senhor.*

*Da morte eterna, livrai-nos, Senhor.*

*Pecadores que somos, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Por vossos santos anjos, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Para que nos perdoeis, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Para que nos favoreçais, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Para que vos digneis governar e conservar vossa santa Igreja, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Para que vos digneis proteger o Sumo Pontífice e todas as ordens eclesiásticas, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Para que vos digneis conceder aos reis e príncipes cristãos a paz e a verdadeira concórdia, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Para que vos digneis dar e conservar os frutos da terra, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Para que vos digneis dar a todos os fiéis defuntos o descanso eterno, nós vos rogamos: ouvi-nos.*

*Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, perdoai-nos, Senhor.*

*Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, ouvi-nos, Senhor.*

*Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.*

*Senhor, tende piedade de nós.*

*Cristo, tende piedade de nós.*

*Senhor, tende piedade de nós.*

*Pai nosso etc. (em silêncio).*

*Bendizei o Senhor, todos os seus anjos.*

*℟. Poderosos em força, executores de suas ordens, prontos para obedecer à sua palavra.*

*Bendizei ao Senhor, todos os seus exércitos*

*R. E ministros, que fazeis a sua vontade.*

*Mandou aos seus anjos em teu favor,*

*R. Para que te guardem em todos os teus caminhos.*

*O anjo do Senhor assenta seus arraiais em volta dos que o temem,*

*R. E os há de libertar.*

*Em presença dos anjos vos cantarei salmos,*

*R. Prostrar-me-ei no vosso santo templo e glorificarei o vosso nome, Senhor.*

*Senhor, ouvi a minha oração.*

*R. E chegue até vós o meu clamor.*

*Oremos. — Deus, que com ordem admirável distribuíis os ministérios dos anjos e dos homens: concedei, propício, que a nossa vida seja protegida pelos ministros que vos contemplam sempre no céu. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina e é Deus pelos séculos dos séculos. Amém.*

*“Retábulo dos Três Arcanjos”, de Marco d’Oggiono.*

*Oração a São Miguel. — Ó Príncipe da milícia celeste, São Miguel, que ao soberbo Lúcifer, com todos os seus asseclas, precipitastes nas profundezas da geena! Ó defensor e protetor da Igreja! Vós, que presidis às almas que partem desta vida, socorrei na hora da agonia a minha alma, que já agora confiadamente vos encomendo. Protegei-a contra todas as incursões inimigas, tomai-a, ao partir deste mundo, sob o vosso patrocínio e, defendida contra todas as insídias dos demônios, admiti-a às alegrias do paraíso, onde, junto de todos os santos, exaltarei a Deus com eternos louvores. Amém.*

*Oração a São Gabriel. — Ó Fortaleza de Deus, São Gabriel, que à Virgem Maria anunciastes a Encarnação do Filho de Deus e no Horto consolastes e confortastes a Cristo em suma tristeza e agonia! Louvo-te, venero-te, ó Espírito eleito, e suplicante vos peço que vos digneis ser meu advogado junto a Jesus Cristo, meu Salvador, e à sua bendita Mãe, a Virgem Maria, e a sempre me consolar e fortalecer em todas as angústias, para que eu nunca, vencido por qualquer*

*tentação, venha a ofender a Deus, meu sumo bem. Assim seja.*

*Oração a São Rafael. — Ó Médico celeste e companheiro fidelíssimo, São Rafael, que a Tobias pai restituistes a vista e ao filho acompanhastes por todos os caminhos e incólume o conservastes! Sede o Médico de meu corpo e minha alma, dissipai as trevas da ignorância e assisti-me constantemente na perigosa peregrinação desta vida, até que me conduzais à pátria celeste, onde, feliz, contemplarei convosco eternamente a face divina. Amém.*

*Ao anjo da guarda. — Ó fidelíssimo Companheiro, destinado por Deus à minha guarda, meu protetor e defensor, que nunca vos afastais do meu lado! Como vos hei de agradecer a fidelidade, o amor e os inúmeros benefícios de vós recebidos? Por mim velais no sono, na tristeza me consolais, no abatimento me ergueis; de mim afastais os perigos iminentes e me ensinais a precaver os futuros; dos pecados me desviais e ao bem me impelis; à penitência me chamais na queda e com Deus me reconciliais. Já há muito, quem sabe, eu me teria condenado ao inferno, se por vossas preces não houvésseis afastado de mim a ira divina! Peço-vos*

*que nunca me abandoneis; consolai-me na adversidade, controlai-me na prosperidade, guardai-me nos perigos e ajudai-me nas tentações, para que a elas nunca sucumba. Apresentai à presença divina as minhas preces, gemidos e todas as minhas boas obras e fazei que, partindo em graça desta, eu entre um dia na vida eterna. Amém.*



# O CORPO MÍSTICO DE SATANÁS

*Plínio Corrêa de Oliveira*

(O Legionário, n. 701, 1946)

Não é o discípulo maior que o mestre, nem a sorte dos filhos de Deus superior à que foi reservada à Igreja, a qual, segundo as palavras do Redentor, seria perseguida pelas potências da terra, dilacerada

por heresias e cismas, e que haveria escândalos em seu seio, crescendo o joio junto do trigo. Não fosse a Igreja divina e não poderia subsistir à rudeza desses golpes. Não fosse a graça de Deus e seríamos devorados pelo príncipe deste mundo, pela prudência da carne, esse monstruoso composto de malícia e de iniquidade.

\* \* \*

E assim como na vigência do Velho Testamento vemos a confusão social, o comunismo e o cesarismo totalitário como consequência do “non serviam” de Lúcifer, como consequência do naturalismo e do panteísmo, do mesmo modo vemos a partir do Novo Testamento que todas as heresias, qualquer que haja sido seu ponto de partida, seus variados nomes e suas variadas formas, todas têm em comum o fato de deformarem o dogma da Encarnação do Verbo e, por via de consequência, resvalarem para o panteísmo, para o fatalismo, para o comunismo.

Ao lado da Igreja nascente, vemos se insinuar a heresia dos judaizantes ou ebionitas. A ela se referem São Pedro e São Paulo em suas Epístolas. Eram judeus cristianizantes ou cristãos judaizantes. Distinguiam-se do resto dos judeus, porque reconheciam em Jesus Cristo o Messias; separavam-se dos Cristãos porque não admitiam a divindade do Salvador. Negavam, portanto, o dogma da Encarnação e adotavam o panteísmo oriental, segundo o qual o Messias era o mais elevado dos espíritos emanados de Deus. Até aqui o erro religioso. Não lhes faltava, porém, o erro social. Professavam a comunidade de bens, não como um conselho, mas como uma prescrição que falsamente imputavam aos Apóstolos. Permitiam, ademais, a poligamia. E vemos assim que desde os primeiros dias do Cristianismo, a negação do dogma fundamental da Encarnação se caracterizou pelo panteísmo e pelo comunismo.

O mesmo podemos afirmar dos gnósticos de que provieram os maniqueus. Negavam, como os ebionitas, o dogma da Encarnação. A diferença, porém, é que enquanto aqueles negavam a divindade de Cristo, estes negavam sua humanidade. Praticavam a doutrina panteísta da emanção, de fundo oriental, o panteísmo da matéria, princípio emanador do mal; e o panteísmo do espírito, cujo princípio emanador era o bem. Professavam, assim, o horror das coisas materiais e se afastavam do casamento, como perpetuador da matéria, princípio do mal, e da posse dos bens terrenos, como apego a um mau princípio. Mas como todas as seitas que ousam reprovar a união legítima dos sexos e a legítima propriedade dos bens, caíram nas piores torpezas e na mais crassa subversão da ordem social: eram verdadeiros socialistas e comunistas. Suas inscrições descobertas no século passado na Cirenaica dão-nos um valioso testemunho das idéias desses gnósticos maniqueus. Uma coloca na mesma plana Thot, a divindade lunar dos egípcios, Kronos, Zoroastro, Pitágoras, Epicuro, o persa

Mazdac, João e Jesus Cristo, afirmando que todos eles unanimemente ensinaram a comunidade de toda propriedade. A outra inscrição diz: “A comunidade de todos os bens e das mulheres é a fonte da justiça divina, e a perfeita felicidade para os homens bons tirados da população cega”.

\* \* \*

O mesmo poderíamos dizer dos patripassionistas, do arianismo, do pelagianismo, do nestorianismo e de outras heresias do período da definição dos dogmas.

Para evitar a monotonia, citemos apenas o exemplo do nestorianismo. Todas as heresias precedentes haviam posto em dúvida a existência, ora da Divindade, ora da humanidade de Jesus Cristo. O nestorianismo veio explorar um outro filão herético, aquele que não mais tocava na existência, mas nas relações naturais e nas operações recíprocas das duas naturezas existentes no Salvador. Foi, portanto,

atacada a unidade da Pessoa, como havia sido a dualidade de natureza. Nestório, Arcebispo de Constantinopla, afirmava que havia dualidade de Pessoa, como havia dualidade de natureza. Segundo ele, havia em Cristo duas pessoas colocadas uma ao lado da outra, unidas exteriormente e moralmente. Escandalizava-se da denominação de Mãe de Deus universalmente dada a Maria e sustentou que se devia dizer simplesmente Mãe do Cristo, e que o homem nascido de Maria devia ser denominado Teóforo, ou o que leva a Deus, como templo em que Deus habita. Portanto, a Encarnação nada mais era que uma simples habitação do Logos em Cristo, o que equivale a dizer que o Verbo eterno não se havia feito homem. Procedia essa heresia do maniqueísmo, e com os erros a que deu causa, sobretudo depois de desenvolvidos por Eutiques, descambou para o primitivo gnosticismo panteísta.

\* \* \*

Passemos, porém, à Idade Média. Podemos dizer que a Cruz e o crescente são bem os símbolos representativos da luta entre as duas Cidades nessa fase da História. São Tomás de Aquino, com a Suma contra os gentios, e Carlos Martel detendo pela espada o avanço dos infiéis na Europa cristã, são os seus homens representativos. Ora, o islamismo se estabeleceu, sobretudo, à custa do arianismo, do nestorianismo e do eutiqueísmo que infestavam a Igreja no Oriente.

Eis, mais uma vez, as heresias combatendo o dogma da Encarnação do Verbo e da Maternidade divina de Maria, e abrindo as portas à barbárie, portadora do deísmo fatalista e do aviltamento da mulher.

Do Oriente os restos dessas seitas gnósticas sobem para a Europa, e começam a infestar com suas doutrinas a Bulgária, a Croácia e a Dalmácia. Penetram nas caravanas de peregrinos da Hungria e não tardam a surgir na Itália e no sul da França. Esses

chamados búlgaros passam ao território dos albigenses. E eis-nos diante da segunda grande frente de combate contra os inimigos do dogma da Encarnação e da ordem social, na Idade Média.

Os albigenses professavam o mesmo panteísmo dualista dos maniqueus. Rejeitavam o dogma da Encarnação do Verbo, negando a igualdade das três pessoas divinas, com os arianos; rejeitavam também a humanidade de Jesus Cristo, reduzindo-a a um puro fantasma, com os docetistas e seguidores de Eutiques. Demonstravam grande ódio contra a Igreja, contra a tradição, contra os Sacramentos, contra a intercessão dos Santos, contra a Ave-Maria, contra o culto das imagens, contra tudo enfim que lhes pudesse lembrar o mistério de um Deus que se fez homem, supremo objeto do culto católico.

E é quase escusado dizer que caíram nos mesmos erros sociais. A propriedade, a justiça, o matrimônio, a hierarquia social não foram menos combatidos por

eles do que a Religião. Neles também encontramos o germe do comunismo.

\* \* \*

E a esta altura convém assinalar uma outra característica comum dessas heresias através da História. É o mistério de suas sociedades, de seus juramentos, de seus símbolos, de sua fraternidade subterrânea.

Santo Agostinho descreve as cerimônias secretas dos gnósticos maniqueus, em que tomara parte em sua juventude. Reproduzem elas as práticas ainda hoje seguidas pelas sociedades secretas. Os historiadores da heresia albigense e dos templários também nos esclarecem sobre essas iniciações secretas. E se há continuidade de ação no Corpo Místico de Cristo, por que não haverá essa mesma continuidade no Corpo Místico de Satanás? Se há um plano de Redenção, porque não haverá um símile caricato que

será o plano de perdição? Esse encadeamento das heresias no erro teológico do panteísmo e do naturalismo, e no erro social do socialismo e do comunismo não está a indicar sua filiação subterrânea, mais de uma vez comprovada pela solidariedade do espírito herético através dos séculos?

## As duas descendências

*As duas faces da humanidade, descrita pelo Papa Leão XIII na encíclica Humanum Genus, que serve de epílogo à presente edição, dizem respeito à descendência da Mulher e da Serpente. Com Cristo, a ideia de descendência ou transmissão pelo sangue e corpo, as raças ou povos escolhidos pelo critério humano, passa a estar vinculada, primeiro, à fé no próprio Cristo e, em segundo, à Sucessão por Ele inaugurada, a Santa Igreja Católica, prefigurada pela Arca de Noé. Desta forma, a outra descendência necessitou de um vínculo espiritual cuja busca sempre direcionou o espírito de rebelião para um tipo cerimonial de iniciação que vinculasse os espíritos ao corpo místico próprio da Rebelião Primordial de Lúcifer. Estas iniciações estiveram presentes nos primeiros gnósticos, pela busca do conhecimento secreto dos arcanos e, mais recentemente, na Maçonaria, transmitida como sucessão oposta à Igreja e sucedida hoje pelo tradicionalismo perenialista, representado por figuras como René Guénon e seus ramos esotéricos espirituais.*



## **Catolicismo**

# INICIAÇÃO MAÇÔNICA: UM PACTO QUE BLOQUEIA O DOM DA FÉ

*Regina Milites*

A ideia esotérica de iniciação, que insere uma alma nos mistérios de uma alegada “influência espiritual”, trata-se de um rito análogo ao “batismo” porém invertido, retirando o indivíduo da comunhão do batismo e, com isso, da graça santificante. Para compreender o que ocorre com a Iniciação maçônica

**e esotérica seria preciso compreender primeiro a natureza do batismo sobre a alma humana.**

Para compreender o peso que têm as iniciações esotéricas praticadas de maneira bastante específica pelas sociedades maçônicas, mas também por grupos análogos e seitas, é preciso ter em conta o efeito ontológico do Batismo como é feito na Igreja Católica, representando a inserção do homem na descendência da Mulher, aquela sobre a qual pesa a inimizade com a Descendência da Serpente ou o “corpo místico de Satanás”.

Em uma de suas conferências, o professor Plínio Corrêa de Oliveira fez uma importante analogia para distinguir uma pessoa que recebe o batismo daquela que não o recebe. Dizia ele que uma pessoa não batizada era como um relógio parado: possui ponteiros, números, mas jamais marcou uma hora, um segundo. Ou seja, está parado para a Eternidade. Esta é a realidade em que vivem as pessoas não

batizadas, excluídas da graça permanente de Deus até que um feixe desta mesma luz o direcione, ou direcione outros, ao sacramento máximo da iniciação cristã, o Santo Batismo. O não batizado não goza, portanto, do estatuto de filho de Deus, mas apenas o de criatura, nascido dentro da realidade ontológica do Pecado Original.

Dizia-nos um padre que, mesmo recebendo os ensinamentos da fé católica, um não batizado não possui graças suficientes para compreendê-los. A ideia de Céu, Inferno, parece-lhe tão estranha que não se anima nem mesmo a procurar compreender. Feito o sacramento, porém, abrem-se as luzes do entendimento das coisas que são julgadas pelo espírito. São Paulo, falando aos Coríntios, recordou exatamente nestas palavras o fato de que os homens que vivem no Espírito compreendem o que é do Espírito, diferente dos sábios que pensam através do conhecimento humano, diríamos, da razão natural meramente. O batismo também infunde as virtudes

teologais e nos insere na Descendência da Mulher, aquela sobre a qual Deus determinou a inimizade com a Descendência da Serpente (Gen. 3,15). Mas é uma iniciação esotérica? Teria ela apenas um efeito limitado sobre a alma humana?

Ora, o batismo nos inscreve na descendência, imprime em nós de uma vez para sempre o caráter de filhos de Deus e, portanto, herdeiros Seus. A iniciação traz o efeito simetricamente oposto, excluindo a alma da comunhão instituída pelo próprio Deus como a Sua Descendência, isto é, a Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Se isto é assim, significa que uma iniciação maçônica insere o indivíduo, mesmo batizado, na Descendência da Antiga Serpente, retirando-o do dom da fé e, com isso, tornando-o incapaz de aceitar profundamente as verdades da Igreja.

Isso se mostra bastante evidente no conjunto de crenças comuns aos maçons, professadas pela organização na forma de um juramento. Trata-se do indiferentismo religioso, segundo o qual todas as religiões possuem um aspecto da verdade divina e podem, livremente, serem aceitas sem uma exclusividade da Igreja Católica. Embora esta ideia hoje seja comum a quase todas as pessoas numa sociedade de massas, ela foi uma ideia excêntrica durante a maior parte da história cristã, especialmente na Idade Média. O indiferentismo começou a crescer com a modernidade, motivado principalmente pelo vácuo espiritual lançado pela Reforma Protestante, que contou com a ajuda da maçonaria na Europa. O mesmo indiferentismo típico da maçonaria pode ser encontrado em quase todas as seitas e pseudo-religiões de raiz ocultista, como o espiritismo, a teosofia e o tradicionalismo perenialista de René Guénon.

Com a arma do indiferentismo, cultos satânicos acabaram tendo apenas o caráter imoral e excêntrico como um incômodo para a sociedade da época ao longo dos últimos dois séculos, o que hoje já vem sendo bastante relativizado e tornando possível que o próprio culto a Satanás se beneficie do mesmo indiferentismo religioso, confirmando o seu objetivo inicial. A liberdade religiosa, condenada pela Igreja, mostra seus frutos diante do satanismo reinante na modernidade, seja num caráter modernista ou supostamente tradicionalista como temos visto. Tudo isso é porque, de acordo com vários estudiosos do assunto, a iniciação nas sociedades secretas é um pacto entre o iniciado e o próprio Satanás, que pretende levar a humanidade de volta ao reino satânico que imperava antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Evidentemente, o pacto que ocorre numa iniciação, seja ela qual for, é tácito, pois não há contato direto com o demônio no rito de iniciação. No entanto, os

efeitos deste pacto são obtidos através da influência espiritual recebida. Para atrair o indivíduo ao ritual de iniciação, a maçonaria oferece iscas de prosperidade, prestígio social e até espiritual.

Esta realidade sempre existiu, sendo particularmente conhecida já na Antiguidade entre os gnósticos, mas foi recuperada pela maçonaria a partir do Renascimento. Segundo Charles Nicoullaud<sup>3</sup>, em sua denúncia antimaçônica, “quanto mais avançamos no conhecimento dos mistérios da antiguidade, mais somos persuadidos de que a maçonaria é uma imitação perfeita deles”.

*“Quando, por exemplo, escrevo que o Demônio é o Mestre esotérico das Lojas; e se estou falando do espírito luciferiano que inspira, orienta e dirige a Maçonaria, não devemos acreditar que afirmo a presença efetiva de um ser com chifre com pés de bode nas oficinas e outras bobagens desse tipo. Não.*

---

<sup>3</sup> Charles Nicoullaud em *L'initiation dans les sociétés secrètes*.

*E estou me explicando claramente o suficiente para que não nos enganemos, a menos que seja melhor fazê-lo. Ouço falar de uma presença e de uma direção místicas que atuam nos cérebros, nos pensamentos dos iniciados, nos corações daqueles que revisaram os ‘sacramentos’ de Lúcifer na iniciação esotérica, e que são, em graus variados, os instrumentos do mal nas Oficinas Maçônicas. Essa maneira de ver, além disso, não contradiz de forma alguma suas conclusões. Satanás, líder invisível, sempre dirige em última instância, por meio de suas persuasões infernais, o poder maçônico de qualquer que seja, e o faz acumular as ruínas; ruínas em almas desamparadas, ruínas em corpos devastados, ruínas em famílias divorciadas, ruínas em sociedades desequilibradas, até que de hecatombe em hecatombe, a Igreja Católica possa ser derrubada. Porque ela é o verdadeiro centro de ataque da contra-Igreja.”<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Nicoullaud

Outro autor que tratou do tema da iniciação foi o jornalista alemão Joseph von Görres, que tratou do papel do demônio na iniciação. “Mais ordinariamente, a iniciação nesses infames mistérios acontece no seio das sociedades secretas com certas formalidades, sem que o diabo tenha necessidade de intervir pessoalmente”.

*Para compreender melhor a ligação da Maçonaria com o satanismo, é preciso conhecer um pouco sobre a principal linha espiritualista da modernidade, o tradicionalismo perenialista, que tem como principal nome de difusão o sufi francês, René Guénon.*

*O Triunfo do Cristianismo Sobre o Paganismo (1880) -  
Gustave Doré*



**Antiga Serpente**  
**TRADICIONALISMO**  
**SATÂNICO DE RENÉ**  
**GUÉNON**

**Guénon é a base do neofascismo russo e de muitos movimentos esotéricos ocidentais. Mais do que isso, o guenonismo tem exercido há muito tempo uma influência sutil e perigosa dentro do próprio catolicismo.**

Um dos mais conhecidos escritores da escola tradicionalista e perenialista foi o francês convertido ao sufismo, René Guénon. Para muitos conservadores católicos atuais, ele seria um caminho útil para o conhecimento do simbolismo cristão perdido na modernidade, especialmente a partir da degradação moral e religiosa do Ocidente. Seu livro, “Oriente e

Ocidente”, foi muito popular entre conservadores e fundamentou a ideia atual da “luta contra o mundo moderno”. No entanto, Guénon acreditava que a maçonaria era uma das vias para o Ocidente retornar à “Tradição”. Sua ideia de Tradição, porém, remete ao conceito de Tradição Primordial, uma espécie de religiosidade primitiva na qual se encontravam todos os grandes mistérios de maneira mais preservada. As religiões atuais, sustentava Guénon, seriam apenas reflexos opacos dessa Tradição Primordial. É neste sentido que ele advogava a prática religiosa mais associada às tradições, sem sincretismo, o que fez e tem feito com que muitos o confundam com um conservador católico.

De fato, Guénon começou a carreira como um ocultista para depois se dizer católico e até escrever numa prestigiada revista católica francesa. Anos depois, migrou para o Egito onde se converteu ao Islã, especialmente a vertente esotérica, o sufismo. Guénon dividia a prática religiosa em esotérica e exotérica,

sendo a primeira de caráter iniciático para os sábios e, a segunda, pública e superficial. Esta é uma distinção importantíssima para compreender o caráter satânico das suas ideias, como veremos a seguir.

Guénon sustentava que nas religiões de mistérios antigos, o culto politeísta, a famosa idolatria como é chamada, era uma prática meramente exotérica destinada à população que não entendia a “real” metafísica esotérica iniciática dos “múltiplos estados do ser” que estavam por trás da representação daquelas divindades idolatradas.

Charles Nicoullaud nos conta, porém, como os chamados “grandes iniciados” nos mistérios de Isis, no Antigo Egito, tidos por Guénon como profundos conhecedores da metafísica esotérica, degolavam suas vítimas humanas nos porões dos templos egípcios, oferecendo-as ao “ente supremo”, o absoluto do panteísmo egípcio. Evidentemente, Guénon não exclui estes ritos da sua amada Tradição Primordial,

cujo conhecimento é obtido apenas mediante o processo iniciático.

Neste caso, caberia perguntar a Guénon como ele explicaria o fato de homens de grande conhecimento metafísico chegarem ao ponto de oferecerem barbaramente sacrifícios humanos ao absoluto? Uma das críticas feitas por Guénon a certos ritos era que faziam parte de uma “contra-iniciação”, processo supostamente inverso à iniciação por ele defendida.

Mas segundo Nicoullaud, os mistérios de Isis, praticados pelos antigos egípcios, são a base da doutrina maçônica, defendida por Guénon como sendo a detentora de ritos iniciáticos ligados à Tradição Primordial no Ocidente. Mas então qual é o verdadeiro rito da maçonaria?

O culto maçônico foi diversas vezes revelado por maçons famosos e escritores célebres que conheceram os seus mistérios, de maneira que Guénon teria que

argumentar serem todos eles charlatões e só ele, Guénon, estaria com a verdade.

Um exemplo é a famosa frase de Manly P. Hall, famoso maçom, que disse:

*“Quando o Maçom descobre que a chave para o guerreiro é a aplicação adequada do dínamo do poder da vida, ele aprendeu o mistério de seu Ofício. As energias ferventes de Lúcifer estão em suas mãos”<sup>5</sup>.*

Vejamos ainda outro trecho da obra de Charles Nicoullaud, *L’initiation dans les sociétés secrètes*.

*“Quando, por exemplo, escrevo que o Demônio é o Mestre esotérico das Lojas; e se estou falando do espírito luciferiano que inspira, orienta e dirige a Maçonaria, não devemos acreditar que*

---

<sup>5</sup> Manly P. Hall, 33rd "As Chaves Perdidas da Franco-maçonaria" página 48.

*afirmo a presença efetiva de um ser com chifre com pés de bode nas oficinas e outras bobagens desse tipo. Não. E estou me explicando claramente o suficiente para que não nos enganemos, a menos que seja melhor fazê-lo.*

*Ouçó falar de uma presença e de uma direção místicas que atuam nos cérebros, nos pensamentos dos iniciados, nos corações daqueles que revisaram os "sacramentos" de Lúcifer na iniciação esotérica, e que são, em graus variados, os instrumentos do mal nas Oficinas Maçônicas.*

*Essa maneira de ver, além disso, não contradiz de forma alguma suas conclusões. Satanás, líder invisível, sempre dirige em última instância, por meio de suas persuasões infernais, o poder maçônico de qualquer que seja, e o faz acumular as ruínas; ruínas em almas desamparadas, ruínas em corpos devastados, ruínas em famílias*

*divorciadas, ruínas em sociedades desequilibradas, até que de hecatombe em hecatombe, a Igreja Católica possa ser derrubada. Porque ela é o verdadeiro centro de ataque da contra-Igreja.”*

Outro escritor maçom conhecido foi Albert Pike, que argumenta que poucos maçons sabem de fato o que estão fazendo lá dentro. Vejamos algumas frases importantes dele a este respeito.

*“Poucos são capazes de se engajar no Grande Trabalho. Somente os verdadeiros maçons podem, por direito, desejar o Grande Trabalho. Entretanto, poucos são qualificados para realizá-lo, porque a maioria deles é ignorante sobre as Clavículas e seus conteúdos e sobre o Pentagrama de Salomão, que ensinam como laborar o Grande Trabalho.”*

*“O Grande Trabalho é conquistar, estabelecer império e completo controle sobre o Agente Mágico Universal, [Lúcifer].*

O escritor brasileiro e maçom, Rizzardo Da Camino admite, ao escrever sobre o grau XIX do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria, que Lúcifer seria o libertador do homem.

## **⌘ metafísica do não-ser**

Uma das marcas características da doutrina de Guénon é a metafísica do não-ser. Esta metafísica tem como uma de suas origens remotas a filosofia de Parmênides, mas seu desenvolvimento levou até a especulações modernas que geraram tanto o ateísmo contemporâneo quanto o fascismo, na acepção de intelectuais como Martin Heidegger. Tema caro aos ocultistas, a ideia do não-ser tinha suas justificativas na Antiguidade e sua filosofia. Após o início da

Cristandade, porém, este conceito passou facilmente para uma especulação contrária à fé. Não por acaso, a definição foi reapropriada no início da modernidade por intelectuais humanistas no anseio de uma recuperação das filosofias perdidas no período referido por eles como a “idade das trevas”. Mas além do campo filosófico, o conceito do não-ser teve origem no âmbito religioso pré-cristão.

O padre argentino Julio Meinvielle, em seu livro *De la cabale au progressisme*, traz importantes informações para se rastrear o verdadeiro nascimento da metafísica do não-ser, por volta de 6 mil anos atrás, proveniente da região do Egito.

Segundo o padre, a ideia metafísica do não ser, ou supra-ser, provém da Cabala e do gnosticismo e se refere à crença numa divindade superior ao Ser, superior à divindade criadora. Isto remete imediatamente ao demiurgo gnóstico, o deus mau que teria criado a matéria, como acreditavam os

primeiros gnósticos. Esta crença, que atravessou os séculos e milênios mais ou menos inalterada, tendo apenas algumas adaptações para cada época, constituiu a síntese dos cátaros e demais gnósticos e acabou sistematizando toda a modernidade, como bem diagnosticou Eric Voegelin<sup>6</sup>. Esta gnose moderna tem origem nas tradições orais da região do Egito de 4 mil anos a. C. Foi igualmente no Egito que os judeus tiveram contato com este sistema de crenças, por volta do século XIII a. C., o que teria dado origem à Cabala ou Kabbalah. Esta origem equivale há cerca de 6 mil anos atrás, data que tradicionalmente se relaciona com o início dos tempos, isto é, o tempo de Adão e Eva. Seria a tese do não ser (ou supra-ser) aquele conhecimento transmitido a Eva pela antiga serpente?

Assim como as filosofias orientais dos budistas e hinduístas, uma ligação com um “nada” sintetiza uma

---

<sup>6</sup> Para Voegelin, a gnose do nosso tempo resume a modernidade como cosmovisão e projeto mundial, pois encontra-se na base das crenças dos intelectuais e cientistas da Renascença e do Iluminismo.

busca por realização. Guénon repetidamente fala na necessidade de uma “realização metafísica”, tema também associado à Kabbalah, o esoterismo judaico que influenciou os primeiros hereges da cristandade.

O escritor católico francês, Antonie de Motreff, delinea a influência ocultista e mágica de Guénon a partir de sua ligação com ocultistas como Martinez de Pasqually, passando por St Martin, Stanislas de Guaita e Gérard Encausse, conhecido pelo pseudônimo Papus<sup>7</sup>.

É fácil concluir que, embora Guénon parecesse buscar um aprofundamento do simbolismo católico na procura de uma restauração da ordem tradicional para o Ocidente, tal ordem não era a ordem católica, mas muito pelo contrário, a submissão do Ocidente a uma elite oriental luciferiana e a subjugação da Igreja Católica aos sacerdotes zoroastristas que têm como chefe o Rei do Mundo, outro conceito ocultista resgatado por Guénon que guarda incríveis

---

<sup>7</sup> Motreff, Antonie de. *René Guénon jugé par la Tradition*.

similaridades com um típico satanismo. O livro de Motreff é ainda mais literal ao citar um antigo escrito de Guénon sobre Satanás, escrito quando este tinha menos de vinte anos de idade. Importante ressaltar que Guénon já tinha o seu corpo doutrinário formatado aos vinte e três anos de idade. O que ele fez posteriormente foi publicar detalhes da sua doutrina pelos próximos quarenta e dois anos até a ocasião de sua morte.

O trecho de seu escrito diz o seguinte:

*“Eu sei quem você é e não tenho medo de você;*

*Tenho pena de você de todo o coração por ter caído tão baixo!*

*Não sinto raiva nem ódio por você, Eu imploro a seu favor a Bondade soberana, E espero vê-lo, antigo Revoltado, Cansado finalmente e contrito, entrar na Unidade!*

*De seu orgulho insano, você deve se  
arrepender,*

*Ó você que até a Deus quis se igualar!*

*Então você não sabia, não importa o que  
possa parecer, que o Absoluto não é nada,  
que o Ser é o Não Ser?*

*O quê! Então você não sabia que o topo é o  
fundo?*

*Porque Deus é o infinito, Ele é tudo e não é!*

*Infelizmente! Você pagou caro pela sua  
imprudência,*

*E reconheceu tarde demais a sua  
impotência!*

*Então está tudo acabado? E é preciso que  
seja assim?*

*Tu passas no Abismo e nas noites e nos dias?*

*Não ! Isso não é possível, e seu destino ainda  
deve um dia tocar o coração da Suprema  
Bondade!*

*Não se desespere, um dia finalmente  
chegará em que, depois de tanto tempo, seu  
tormento terminará,*

*E então, libertado de seu reino sombrio,  
Você poderá contemplar a clareza do  
Pleroma.”*

Em nome da precisão vou reescrever o seguinte comentário.

Conta-nos Christian Lagrave, no prefácio do livro de Motreff, que Guénon casou-se em 1912, na Igreja Católica. No entanto, ele já era secretamente convertido ao Islam, iniciado no sufismo, corrente esotérica do Islã, sem revelar sua apostasia à sua esposa. Ele viveu como muçulmano o resto de sua vida escondendo cuidadosamente de seus amigos e correspondentes ligados ao Catolicismo que havia se convertido ao Islam. Nesta época, Guénon chegou a escrever para uma importante revista católica da França, ligada aos tradicionalistas. Lagrave alerta que os discípulos de Guénon aprenderam bem a lição do mestre, e relata existir uma rede influente de

guenonianos a promover o cristianismo esotérico com o objetivo de substituir os ensinamentos da Igreja através de uma síntese de todas as religiões para se chegar a uma religião universal.

Afinal, a busca espiritual de Guénon só pode levar a uma coisa, como nos mostra Motreff:

*“A graça é essencialmente o germe da visão beatífica. Se a influência espiritual não nos leva à visão beatífica, é porque é de outra natureza que não a graça [de Deus].*

*No mesmo sentido, pode-se dizer que a graça, sendo uma participação da vida trinitária, nos leva gradualmente, quando nos elevamos na vida espiritual, a uma maior percepção do mistério da Santíssima Trindade, até chegarmos nas sétimas moradas de Santa Teresa de Ávila, à percepção intelectual da presença trinitária. No entanto, René Guénon*

*ignora completamente esse aspecto do dogma cristão e terminará sua vida na prática do Islã (esotérico e exotérico) que nega explicitamente esse mistério.*

*Também notamos que Guénon tinha uma grande ignorância de tudo o que diz respeito à religião católica, apesar de sua educação bastante extensa neste ponto. Mas, se a influência espiritual fosse uma graça recebida de Deus [e Guénon assemelha a graça à influência espiritual], tenderia a tornar Deus e o seu Reino mais conhecidos. Longe de ajudá-lo a fortalecer sua fé, a influência espiritual recebida por Guénon o levou a apostatar e praticar a religião muçulmana.*

*Guénon diz que o ritual de iniciação, que comunicaria a graça ou influência espiritual, funciona de forma “ex opere operato”, ou seja, como um sacramento. Primeiro, que*

*sacramento é esse, se só existem sete sacramentos? Segundo, que graça é essa que não impulsiona para a visão beatífica? Se essa influência espiritual não vem de Deus, ou ela não existe e é apenas uma auto sugestão que acomete o iniciado, ou ela vem de um anjo. Que anjo levaria o iniciado a tamanho erro de não reconhecer Nosso Senhor como o único Salvador?”*

Esta conclusão de Motreff nos parece mais do que certa. Há uma invocação, ao menos implícita, do demônio, em todas as vezes que se busca um efeito espiritual a partir de uma causa que não pode gerar tal efeito, como no caso da iniciação e da prática de falsas religiões, por exemplo. A verdade que nos ensina a doutrina católica é que Deus permite ao demônio uma certa liberdade de agir todas as vezes que participamos de cerimônias supersticiosas, ou seja, tudo o que escapa à comunhão com a Santa Igreja

Católica, o único caminho oferecido por Deus para a Salvação, cuja prefigura bíblica está na Arca de Noé.

Motreff reconhece a inteligência de René Guénon para levar católicos para fora da comunhão, especialmente aqueles que não conhecem de forma apropriada a Doutrina Católica e que estão descontentes com o materialismo, mundanismo e sensualismo modernos, com o movimento carismático cristão e com o sincretismo religioso em geral.

## Salmo 138 e o Ódio Perfeito

*19 – Oxalá extermineis os ímpios, ó Deus, e que se apartem de mim os sanguinários! 20*

*– Eles se revoltam insidiosamente contra vós, perfidamente se insurgem vossos inimigos. 21 – Pois não hei de odiar,*

*Senhor, aos que vos odeiam? Aos que se levantam contra vós, não hei de*

*abominá-los? 22 – Eu os odeio com ódio mortal, eu os tenho em conta de meus*

*próprios inimigos. 23 – Perscrutai-me,*

*Senhor, para conhecer meu coração provai-me e conheci meus pensamentos. 24*

*– Vede se ando na senda do mal, e conduzi-me pelo caminho da eternidade.*



Geopolítica

MESSIANISMO RUSSO:  
“GRANDE MONARCA” DE  
NOSTRADAMUS E A  
“TERCEIRA ROMA”

*André Figueiredo*

O conceito do Grande Monarca está relacionado com a noção de Terceira Roma e traz uma ligação com o conceito escatológico de *katechon*, uma palavra grega que significa “aquele que restringe”,

## **interpretada como significando aquele que restringe a vinda do Anticristo.**

O fim do mundo é inevitável. Embora o homem tenha obtido a verdade de Cristo, devido à sua natureza pecaminosa, ele caiu em apostasia, resultando na vinda do Anticristo. Entretanto, com base na Segunda Epístola de São Paulo aos Tessalonicenses, no Livro do Apocalipse e no Livro de Daniel, Santo Agostinho e São Jerônimo desenvolveram o conceito da Roma Cristã como um “mundo metafísico cuja missão é guardar a Verdade de Cristo”.

Uma influência importante na conceituação do Terceiro Reich de van den Bruck foram as obras do escritor russo Fiódor Dostoiévski sobre a tradição milenar russa da Terceira Roma. Joaquim de Fiore e Savonarola (frade excomungado por heresia e sedição, um protoprotestante que foi uma das referências de Lutero) e outros foram fontes importantes para as

profecias de Nostradamus, que moldaram a expectativa para a vinda do Grande Monarca e da Terceira Roma, o hipotético sucessor do legado da Roma Antiga, a “primeira Roma”, seguida pela “Segunda Roma”, geralmente referindo-se a Constantinopla, a capital do Império Bizantino, sede original da Igreja Ortodoxa Oriental, chamada não oficialmente de “Nova Roma”.

Embora o versículo de 2 Tessalonicenses tenha sido tradicionalmente interpretado como se referindo ao Império Romano, alguns entendem o katechon como o Grande Monarca ou um novo Imperador Ortodoxo, e alguns como o renascimento do Sacro Império Romano. O Último Imperador Romano, Último Imperador Mundial ou Imperador dos Últimos Dias é uma figura da lenda medieval europeia, que se desenvolveu como um aspecto da escatologia na Igreja Católica. A lenda prevê que no fim dos tempos, um último imperador apareceria na Terra para restabelecer o Sacro Império Romano e

assumir a sua função como katechon bíblico que impede a vinda do Anticristo.

Joaquim de Fiore, Savonarola e outros foram fontes importantes para as profecias de Nostradamus, que moldaram a expectativa para a vinda do Grande Monarca e da Terceira Roma. Os fundamentos bíblicos para o conceito do Grande Monarca podem ser encontrados, também, no Antigo Testamento em Isaías, Jeremias, Daniel e Zacarias, e no Novo Testamento. O conceito do Grande Rei tem sido comumente associado em revelações místicas. No século XVI, Nostradamus era conhecido por ter profetizado que “um grande e terrível líder surgiria do céu” no sétimo mês de 1999 “para ressuscitar o grande Rei de Angoumois”.

Antes de prosseguir com a exposição da influência das ideias da Terceira Roma sobre a Rússia, é necessário fazer uma ambientação histórica para explicar as influências que Nostradamus teve e que ajudam a

explicar seu pensamento. Nostradamus nasceu em 14 ou 21 de dezembro de 1503 em Saint-Remy-de-Provence, Provença, França, e foi batizado Michel. Ele era um dos pelo menos nove filhos do notário Jaume (ou Jacques) de Nostredame e Reynière, neta de Pierre de Saint-Rémy que trabalhava como médico em Saint-Rémy. A família de Jaume era originalmente judia, mas seu pai, Cresquas, que tinha um comércio de grãos e empréstimos com sede em Avignon, converteu-se ao catolicismo entre 1459 e 1460, adotando o nome cristão “Pierre” e o sobrenome “Nostredame” (Nossa Senhora), a santa em cujo dia sua conversão foi solenizada. Vale aqui lembrar que Avignon foi sede do Antipapa Católico durante o Cisma do Ocidente, onde haviam dois Papas, um em Avignon e outro em Roma, cisma resolvido posteriormente pelo Concílio de Constança, em 1417.

Em 1589, o conceito da Terceira Roma ressurgiu no documento fundador do patriarcado russo, onde

afirmava que os governantes da Rússia garantiam a fé não apenas do seu país, mas do mundo inteiro. Os Velhos Crentes, cristãos ortodoxos orientais que mantêm as práticas litúrgicas e rituais da Igreja Ortodoxa Oriental tais como existiam antes das reformas do Patriarca Nikon de Moscou entre 1652 e 1666, continuaram a empregar a doutrina da Terceira Roma nos séculos XVIII e XIX. O conceito ganhou ascendência no início do século XX com a ascensão do comunismo na Rússia.

Muitos identificaram o comunismo com a caracterização de Nikolai Berdyaev da Terceira Roma com o que ele acreditava ser o “messianismo russo”, que diferenciava os russos de todos os outros povos e definia a sua missão histórica. O apocalipticismo cristão, de acordo com Yaacov Yadgar, autor de *Mysticism in 20th Century Hebrew Literature*, “é uma das características proeminentes da literatura e do pensamento teológico e político russo durante o primeiro quarto do século XX. Ao contrário do

cristianismo ortodoxo russo, a literatura apocalíptica russa enfatizou o aspecto coletivo-nacional, sendo o herói da narrativa o povo russo”. As raízes do apocalipticismo, explica Yadgar, são mais profundas e ricas na literatura religiosa russa do que na literatura da Europa Ocidental. Uma possível explicação para isto é o elevado valor do sofrimento na cultura russa. O pensamento apocalíptico é encontrado na literatura russa do século XIX por escritores que desejavam reviver a tradição não europeia da Rússia, como Nikolay Gogol, Fiódor Dostoiévski, Vladimir Solovyov e Konstantin Leontiev, por exemplo. A redenção dependia da superação do Ocidente pelo Oriente, o que colocava em perigo o espírito oriental original da Rússia.

Este fato permitiu que pensadores centrais como Berdyaev vissem o comunismo como uma redenção messiânica, e a Revolução Bolchevique como uma guerra apocalíptica de Gog e Magog entre o Bem e o Mal. Conforme observado por Konstantin

Burmistrov e Maria Endel – referindo-se à tradição que remonta a Nikolay Novikov, que trouxe o Rosacruzianismo para a Rússia – as visões religiosas e políticas dos Rosacruzes Russos exerceram uma grande influência no desenvolvimento da Rússia. Filosofia romântica e utopismo social na primeira metade do século XIX, bem como do movimento eslavófilo, que por sua vez influenciou a filosofia religiosa russa de Vladimir Solovyov e Berdyaev. Assim, concluem os autores, “como componente da perspectiva maçônica, a Cabala tornou-se um fator importante na história e cultura russas”. De acordo com E.D. Kuskova, uma proeminente jornalista russa, ela e seu marido, juntamente com Berdyaev, foram membros fundadores da organização política maçônica que se originou logo após a virada do século, e que posteriormente fundou a União de Libertação, a organização que os liberais e radicais russos usaram para provocar a Revolução de 1905, conhecida como a Primeira Revolução Russa.

A Terceira Roma tornou-se a Terceira Internacional de Lenin. Stalin usou a Terceira Roma como um símbolo da grandeza russa e da independência das potências imperialistas hostis. Após uma série de decretos na década de 1930, esperava-se que os historiadores reconhecessem o papel “progressista” que a Rússia desempenhou ao colocar os povos não-russos sob o jugo daquele que se tornaria o primeiro estado comunista do mundo. Durante a Guerra Fria, os observadores ocidentais interpretaram a adoção da doutrina da Terceira Roma como prova das ambições continentais do “Expansionismo Soviético”.



**Eurasianismo**

# O MODERNISMO DE ALEXANDER DUGIN

*Daniel Ferraz*

*“A Cidade de Deus está feita pelo amor a Deus  
levado ao desprezo do eu; a cidade terrena pelo  
amor do eu levado ao desprezo de Deus.”*

*-- Santo Agostinho*

São inúmeros os críticos do Ocidente moderno que participam dos debates intelectuais ou populares das redes sociais. De fato, as revoluções liberais, socialistas e modernas destruíram o que anteriormente poder-se-ia chamar, em pleno direito, de Civilização Ocidental, filha da Santa Igreja Católica. O pós-modernismo, efeito das quimeras precedentes, significa a completa sujeição de todos os valores e princípios metafísicos à mera imaginação absolutizada. Se antes o sujeito definia-se como um composto indissolúvel de corpo e alma em sua essência humana, agora torna-se um produto do imaginário desprendido de qualquer ordem ontológica e natural. O sujeito define-se por aquilo que ele imagina que é, e não pelo ser substancial e universal. Naturalmente que em todos os âmbitos da existência, essa construção subjetivista e relativista demole qualquer convivência humana saudável. Ademais, sequer podemos propugnar alguma convivência ou qualquer humanidade diante de tamanha absurdidade.

Os jesuítas católicos na Ratio Studiorum defendiam que tornar-se uma pessoa é relacionar-se consigo, portanto, conhecer-se, educar-se e amar-se, para que possa amar e conviver com o próximo e, sobretudo, conhecer, amar e servir a Deus nesta vida e ter o vislumbre de Sua visão beatífica na eternidade. Os revolucionários e sua sanha de consumação de um falso paraíso terrestre destroem essa concepção realista para que o sujeito se feche em si mesmo, ignore todas as suas potencialidades naturais e viva apenas de suas vontades e paixões mais baixas balizadas pela sua imaginação pueril.

Alguns teóricos e místicos orientais, ora contribuindo e ora observando essa destruição do Ocidente, em seus devaneios buscam remodelar a civilização à sua imagem e semelhança na desculpa de salvá-la de si mesma. Tomamos como exemplo o francês perenialista René Guénon, que, em sua obra intitulada “Oriente e Ocidente”, numa declaração aberta de guerra à civilização ocidental, diz que

existem duas principais saídas: (i) A Igreja Católica deve aceitar a pura autoridade espiritual de Mestres Sufis Islâmicos; (ii) O Ocidente cai na completa barbárie para que se reerga dos escombros também através do Islam. Contudo, gnósticos perenialistas como René Guénon, Frithjof Schuon, Rama Coomarasawamy, Martin Lings, Titus Burckhardt, entre outros, acreditam que a via da política temporal é completamente ineficaz para os seus planos, pois a influência até mesmo da Maçonaria no ocidente é de cunho dos “Pequenos Mistérios” relacionados ao Cosmos e à Sociedade, não atingindo, portanto, os “Grandes Mistérios” relacionados à pura autoridade espiritual.

Entretanto, como é de praxe, a língua bifurcada da Serpente sempre traz duas correntes da revolução, não apenas uma.

Há um simbolismo entre os gnósticos dualistas da “Via da Mão Direita” e da “Via da Mão Esquerda”. A

primeira seria por uma atitude positiva em relação ao mundo, um caminho soft para unir-se à Divindade Primordial através dos espiritualismos orientalistas e atingir a superação demiúrgica. Já a segunda trata de uma atitude amplamente negativa do mundo e do cosmos. Trata-se do caminho do “sofrimento negro”, algo destrutivo e terrível. O mundo físico é uma verdadeira prisão e um verdadeiro escárnio. Somente a partir de ações abruptas e trágicas é possível acelerar o processo de destruição deste mundo para que possamos nos salvar do Demiurgo e alcançar, também, a Divindade Primordial que reside no Supra-Ser ou no Nada (Ain Soph).

Os teóricos políticos asseclas desta visão sistematizam em suas filosofias todo o caminho a ser percorrido para essa aceleração da Via da Mão Esquerda para a implantação do paraíso terrestre, livre das amarras dos Dogmas e da cultura bimilenar do Cristianismo, que, segundo eles, alienam o gênero humano.

Numa visão marxista, seria o constructo de um György Lukács, que separa o Ocidente entre a

infraestrutura (economia) e a superestrutura (religião, cultura, tradição, família). Para que se alcance o paraíso terrestre é preciso destruir a superestrutura burguesa para a vitória trágica da revolução.

Nem mesmo os próprios gnósticos concordam entre si no que tange às duas Vias. Como dito, para os esotéricos da Via da Mão Direita somente uma batalha da autoridade espiritual pura deve ser considerada, e toda manifestação pública das religiões significa uma alienação, um atraso, uma baixeza sem fim que afasta a casta sacerdotal da Tradição Primordial. Para mais detalhes das distinções entre exoterismo e esoterismo leia-se o artigo “As Garras da Esfinge” de Olavo de Carvalho.

Talvez o teórico mais discutido recentemente seja o russo Alexander Dugin, o maior influenciador intelectual do regime de Vladimir Putin. A família de Dugin – incluindo o próprio – teve muita aproximação com o serviço secreto soviético, tendo o

pai de Alexander um alto posto na KGB e o próprio Dugin sendo um Arquivista daquele órgão. Em sua militância política e em sua vida acadêmica como filósofo e sociólogo, Dugin aproximou-se de Eduard Limonov, e os dois fundaram o Partido Nacional Bolchevique. Mais tarde, Alexander Dugin, em sua maturidade, cria sua própria teoria geopolítica fundada em princípios perenialistas e existencialistas, a saber, a Quarta Teoria Política.

### *Que é a Quarta Teoria Política de Alexander Dugin?*

Para Dugin, na história ocidental, houve grandes ideologias circundantes na cultura e na política, e duas que falharam em dar uma resposta efetiva ao liberalismo: o comunismo e o nazi-fascismo. Mas, para o filósofo, o fascismo, por trazer elementos pré-iluministas, românticos e arcaicos, seria um pontapé inicial para a criação da superação das três grandes ideologias numa quarta teoria política.

Dugin resgata o antigo simbolismo pagão da “Mãe Rússia” como salvaguarda da Tradição Primordial que deve, através da junção de diversas sociedades particulares que não participam daquilo que o russo entende como Atlantismo (liberalismo ocidental concentrado na OTAN, no CFR, nos Bilderberg, etc.), destruir o Ocidente para a implantação do Império Russo Ortodoxo. Para o leitor atento, vê-se claramente que Dugin encara o Ocidente e a Igreja Católica como se o Demiurgo fossem.

Citemos brevemente um trecho ilustrativo de seu livro “A Quarta Teoria Política”:

*“Se o ateísmo da Nova Era deixa de ser algo mandatário para a Quarta Teoria Política, então a teologia das religiões monoteístas, que uma vez substituiu outras culturas sagradas, não será também a verdade última (ou melhor, poderá ser ou não). Teoricamente, nada limita a*

*profundidade da abordagem dos antigos valores arcaicos, a qual pode assumir um lugar específico na nova construção ideológica, após ser adequadamente reconhecida e compreendida. Eliminando a necessidade de ajustar a teologia ao racionalismo da modernidade, os portadores da Quarta Teoria Política estão livres para ignorar aqueles elementos teológicos e dogmáticos, que foram afetados pelo racionalismo nas sociedades monoteístas, principalmente nas últimas fases. Estas levaram ao aparecimento do deísmo sobre as ruínas da cultura europeia cristã, seguido do ateísmo e do materialismo, durante um desenvolvimento escalonado dos programas da era moderna. Não apenas os mais altos símbolos supramentais da fé podem ser colocados a bordo novamente como um novo escudo, mas também podem aqueles aspectos irracionais dos cultos, ritos e lendas que tem deixado perplexos os teólogos das fases prévias. Se nós rejeitamos a ideia de progresso inerente à modernidade (que como nós vimos,*

*acabou), então tudo que é antigo ganha valor e credibilidade simplesmente por ser antigo. “Antigo” significa bom e quanto mais antigo – melhor. De todas as criações, o paraíso é a mais antiga. Os portadores da Quarta Teoria Política devem lutar para descobri-lo novamente no futuro próximo.”*

(pg. 38 e 39)

E também um trecho muito ilustrativo do pensamento gnóstico e esotérico – portanto nada cristão – de Dugin, intitulado O Gnóstico:

*“Mas os gnósticos se manterão firmes em seu trabalho de vida. Nunca, nem hoje, nem amanhã. Pelo contrário, há todas as razões para triunfar internamente. Não dissemos aos ingênuos otimistas do “Caminho da Mãos Direita” onde sua confiança ontológica excessiva vai levá-los? Não previmos a degradação do seu instinto criativo se transformar na paródia grotesca que é representada pelos conservadores*

*modernos que renunciaram a tudo, que horrorizaram os seus mais atraentes (mas não menos hipócritas) precursores de um par de milhares de anos atrás? Eles não nos ouviram... Agora deixe-os culparem apenas a si mesmos e ler livros "New Age" ou manuais de marketing.*

*Não temos perdoado ninguém, não temos esquecido nada.*

*Não temos sido enganados pelas mudanças de cenário social e atores políticos.*

*Nós temos uma memória muito boa, temos braços "muito longos".*

*Nós temos uma tradição muito severa.*

*Labirintos da vida, espirais de idéias, vórtices de raiva."*

A tese de Dugin pode ser encantadora para àqueles que defendem valores tradicionais, objetivos e antigos em detrimento da puerilidade e da libertinagem ocidental pós-moderna, pois ela promete, por meio

de uma grande operação de superação, resgatar o Antigo Arcaísmo e fazer valer, a ferro e (muito) fogo, que as tradições antigas jamais sofram intervenções do universalismo ocidental. Mas aí começam os problemas da tese do esotérico russo.

Essa construção da Via da Mão Esquerda de Alexander Dugin, apesar de sutil e encantadora para os incautos, padece de uma São Filosofia verdadeiramente tradicional.

No trecho supracitado, Dugin diz que “os portadores da QTP estão livres para ignorar aqueles elementos teológicos e dogmáticos, que foram afetados pelo racionalismo nas sociedades monoteístas”. Ora, a negação dos Dogmas da Fé e sua universalidade e validade é, para um católico, no mínimo motivo para excomunhão e um claro caso de heresia formal. Ademais, é exatamente a condenação modernista que faz São Pio X em sua Carta Encíclica *Dominici Pascendi Gregis*. Para Dugin e para qualquer outro

modernista, Deus se manifesta para nós na imanência (nas sociedades particulares, no caso da tese duguinista), e às questões morais, filosóficas, teológicas e dogmáticas, são meras construções do juízo humano que se adequam e avançam com o tempo e não são Doutrinas Universais deixadas pelo Nosso Senhor Jesus Cristo. Ainda, Dugin nega a maravilhosa síntese ocidental no período da Cristandade entre a ordenação essencial do poder temporal à autoridade espiritual. Para ele, a existência das sociedades particulares em nada deve aos universais e transcendentais da autoridade espiritual. Elas são, com efeito, absolutas em si mesmas – apenas pelo fato de existirem.

Alexander Dugin, sendo um seguidor estrito do filósofo nazista Martin Heidegger, defende que a Existência precede o Ser. E infunde na sua Quarta Teoria Política o elemento gnóstico do retorno ao Supra-Ser, o “Ereignis” (O Evento), para descrever o retorno súbito da existência ao Ser.

Cada sociedade particular é uma emanção da Divindade Primordial na existência e que deve retornar a mesma Divindade através da superação da prisão cósmica e da alienação (Ocidente).

Por outro lado, o modernismo liberalizante do ocidente também nega os universais e os transcendentais. O advento das democracias liberais modernas se dá pela negação da visão imperial da Cristandade, balizada na Lei e no Direito Natural, para uma absolutização do Estado moderno.

O Estado moderno, no ocidente, torna-se o racionalizador da vida humana. Numa visão mística, também significa a Divindade diluída nas instituições burocráticas modernas e que progride no tempo. Naturalmente que também é um constructo anti-cristão.

Por mais que as críticas de Dugin ao liberalismo ocidental tenham certa veracidade, padecem de uma visão sociológica, filosófica, epistemológica e ontológica da formação das sociedades. E, a saber, Dugin, sendo um seguidor estrito de Heidegger, como dito, nega filosoficamente a ontologia realista para subjugar-la em sua ideologia revolucionária.

O resgate Imperial e Imanentista proposto por Dugin carece da verdadeira Cristandade, pois nega os Dogmas, a Sã Teologia, a Trindade, os Sacramentos, a ordem da natureza com a Graça Santificante, a Doutrina Mariana etc., etc. Trata-se de mais uma malfadada tentativa de vencer o Pecado Original através de pecados mortais contra a Ordem Divina.

Muitos conservadores ou direitistas – como queiram! – caem no canto da sereia do duginismo e até mesmo do liberalismo ocidental pois faltam-lhes verdadeiro conhecimento do que é a sua própria civilização e de como foi construída, isto é, na

substancialidade da Fé nas sociedades orgânicas e na defesa intelectual de seus preâmbulos e a abertura de seus corações à Graça.

Como poderíamos definir Alexander Dugin? Como um existencialista e um relativista em termos políticos, que de nada serve à tradição do realismo grego-escolástico e toda sua objetividade. Seu tradicionalismo nada tem de tradicional, mas de modernista, gnóstico e revolucionário.

Por fim, repito neste artigo o que já disse reiteradas vezes em vídeos meus: ambos os lados são cabeças de uma mesma Hidra do modernismo filosófico e teológico combatido por S. Pio X na “Pascendi Dominici Gregis” e na “Notre Charge Apostolique”.

### Referências:

<sup>1</sup> - *As Garras da Esfinge, por Olavo de Carvalho*

(<https://olavodecarvalho.org/as-garras-da-esfinge-rene-guenon-e-a-i-slamizacao-do-ocidente/>)

<sup>2</sup> - *O Gnóstico, por Alexander Dugin*

(<https://legio-victrix.blogspot.com/2012/03/o-gnostico.html>)



## **Tecnologia**

# OS RISCOS ESPIRITUAIS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

*Cristian Derosa*

*A própria ideia de uma inteligência que é simultaneamente superior ao homem e criada por ele conduz inevitavelmente à negação de Deus. Mas não é só isso.*

Elon Musk declarou recentemente que até 2025 a inteligência artificial terá mais capacidades que qualquer ser humano. O que significa para a humanidade depender de uma inteligência superior ao homem, mas que não é Deus?

O recurso da inteligência artificial para a geração de imagens tem se popularizado na internet e até mesmo em páginas e grupos católicos. Isso, porém, deveria representar um importante alerta para os riscos espirituais do uso de imagens que são, na verdade, geradas a partir de centenas de milhares de influências estéticas de um imenso banco de dados disponível e sem qualquer filtro que leve em conta a simbologia envolvida. Essas influências dispostas nos bancos de dados provém de fontes desconhecidas dos católicos, incluindo referências modernistas, ocultistas e esotéricas, ligadas a religiões falsas e a um emaranhado de elementos dispersos. Além desta simbólica aposta no uso de uma ordem obtida por meio do caos, ao invés do contrário explícito no Logos, o recurso da

Inteligência Artificial especificamente na geração de imagens pode ser extremamente perigoso.

Um dos maiores problemas pode estar justamente na ausência de uma alma humana por trás da arte, o que jamais existiu na história. Afinal, o que tomará o lugar de uma alma humana no trabalho criativo? A resposta só pode ser uma: forças oportunistas que os católicos conhecem bem.

Na Antiguidade, o termo “daimon” significava divindade ou espírito, também associado aos “gênios” (djins) do conceito árabe. Eles podiam ser bons ou maus e em cultos gnósticos foram associados à inteligência, diferindo dos anjos devido ao fato de terem liberdade, ou seja, possibilidade de rebelar-se contra Deus. O conceito se aproxima perigosamente do de anjos caídos. O “daimon” também foi considerado como uma entidade intermediária entre o divino e o humano pelos gnósticos.

Mas na modernidade muitos conceitos religiosos e ocultistas ganharam definições científicas que transmitiam uma sensação de neutralidade ou de mera “ferramenta” desde que Newton passou a conceituar a natureza através de analogias mecanicistas. As forças que movem o Universo deixaram de ser os anjos para serem descritas como mera relação entre força, movimento e energia. A ideia de uma força física ou metafísica que contenha em si algo análogo à inteligência humana ficou ofuscada pelo dualismo fé e razão, relegada à superstição. No entanto, a ciência pós-moderna, a física quântica e o movimento new age trouxe de volta os conceitos espirituais depois de séculos de esvaziamento da fé cristã no Ocidente.

Na modernidade, portanto, anjos e demônios ganharam renovadas imagens definidoras, o que não mudou-lhes a natureza obviamente.

O físico e matemático francês Pierre-Simon Laplace (1749-1827), em sua defesa do determinismo, propôs uma hipotética e vasta “inteligência” que, mais tarde, foi denominada “Demônio de Laplace”. Os defensores dessa definição gostam de recorrer à palavra original grega daimon, entendida como uma (semi) divindade, “não necessariamente maligna”. Para Laplace, essa referida “inteligência”, seria capaz de conhecer “todas as forças e as posições de todos os corpos da natureza e seria ampla – e rápida – o suficiente para analisar – e processar – tais dados”, explicam especialistas na obra do francês. Segundo esses estudiosos, isso “resolveria, com precisão, as equações de Newton do movimento para todos esses corpos em escalas macro e micro; para ela, nada seria incerto, e tanto o futuro (o que acontecerá com tudo depois daquele instante) como o passado (como tudo culminou até aquele instante) estariam evidentes a seus olhos e conhecidos com absoluta certeza”.

Isso se refere a uma inteligência conhecedora e determinadora do bem e do mal, algo facilmente associado à promessa da Serpente no Éden. Mais tarde, ideias como a do herege Teilhard de Chardin, sobre a noosfera, conceito que designa a esfera do pensamento humano, que engloba todas as ideias, conhecimentos e informações partilhadas pela humanidade, aproximaram essa ideia gnóstica à teologia católica. A Noosfera, para Chardin, pode ser vista como a "esfera do pensamento humano", sendo uma definição derivada da palavra grega νοῦς (nous, "mente") em um sentido semelhante à atmosfera e biosfera.

As doutrinas modernistas possuem a característica de infiltrar-se numa suposta zona neutra de pensamento, que quando irresponsavelmente abertas por católicos ingênuos, conduzem a perniciosas permissividades. A porta para a ação demoníaca resulta irremediavelmente aberta. Infelizmente, o próprio teólogo jesuíta Chardin era uma dessas "portas", já

que depois de ser condenado pelo Magistério a ficar calado, foi readmitido na condição de “perito” pelos teólogos do Concílio Vaticano II.

Tal ingenuidade pode estar conduzindo a destinos perversos não apenas as suas próprias almas, mas a de milhares que os seguem por meio dessas tecnologias. Com o uso cada vez mais frequente por influenciadores e páginas católicas, as imagens geradas dessa forma trazem referências desconhecidas, agrupando-as sob o critério da utilidade e do marketing.

Afinal, delegar o ato recriador humano a uma máquina pode representar grande perigo espiritual. Muito pior se esta delegação for feita por intenções vistas como neutras apenas dentro de uma cosmovisão utilitarista, que, diga-se de passagem, nada tem de neutra. Mas se o maior risco parece surgir quando tratamos de temas religiosos, outras áreas do conhecimento também podem estar sendo

alvos dessa “influência indeterminada” dos bancos de dados cuja origem, orientação e caráter são voluntariamente desconhecidos. Será mesmo que a indiferença sobre as fontes de influência não pode ser aproveitada por forças sutis que se ocupam justamente dessa indiferença, fruto de uma omissão humana para com aquilo que lhe é devido cuidar? Em termos de uma atividade indeterminada que se propõe substituir a arte sacra tradicional, isso pode ser ainda mais grave.

Tradicionalmente, a comunicação religiosa sempre foi feita por meio da arte sacra, que carrega um conceito que não pode ser ressignificado nem modificado, já que trata literalmente da expressão individual da fé de um artista que possui uma alma individual. Entre as obras tradicionais da arte sacra estão centenas delas geradas pela imaginação guiada pela piedade, virtudes e fé, ação própria da graça santificante em almas individuais, ligadas umas às outras pelo Corpo, Sangue e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo

por meio do Seu santo Sacrifício e expiação dos pecados. Imaginem que a sociedade já foi guiada pela imaginação expressa em obras de Beethoven ou de Bach, produtos acabados da fé humana e individual desses artistas, o que impõe uma ligação entre recriação humana artística e o ato criador do próprio Deus.

Se, como diz o abade Jean Baptiste Chautard, repetindo a doutrina de sempre da Igreja, nenhuma ação humana pode gozar de frutos espirituais sem a ação da graça santificante, isso vale ainda mais e de maneira mais radical para os produtos da imaginação, da inspiração própria de uma sensibilidade ligada a uma graça especial que a impulsiona e eleva para resultados propriamente espirituais. Mas não é isso o que almejam os que trabalham com divulgação católica em redes sociais? Ou será que essas páginas buscam outra coisa?

Dito de outra maneira, a arte religiosa é um resultado de uma graça especial recebida do Espírito Santo a uma alma individual e não a uma alma coletiva que geraria mil inspirações díspares. Além de representar uma assustadora relação com resposta dos demônios à pergunta de Jesus Cristo: “Nosso nome é legião porque somos muitos”, gerar imagens supostamente sacras com o uso de inteligência artificial pode significar uma grande irresponsabilidade nascida obviamente de uma ingenuidade e desconhecimento sobre a natureza da arte.

### ***Obstáculo que ofusca a percepção***

Um dos obstáculos mais comuns para a percepção da realidade mais profunda do uso dessas tecnologias é o problema da cosmovisão moderna, que exclui o mundo espiritual e põe certos meios de ação, especialmente os técnicos, como meras ferramentas neutras. Se há meios neutros de atuação humana – e é claro que naturalmente existem – eles têm sido

reduzidos em número na modernidade, graças ao avanço das forças diabólicas sobre todas as esferas da vida. Este fenômeno, que é uma consequência dos pecados que inundam o mundo atual, exige do católico uma perspicácia maior.

Adquirir uma cosmovisão cristã dá trabalho, ainda mais na modernidade. Mas nenhum católico tem o direito de desistir disso em nome de uma suposta inevitabilidade do mundo moderno. Afinal, esta crença numa conjuntura histórica estabelecida como inevitável representa um dos pontos mais característicos da heresia do modernismo, descrita e combatida pelo Papa São Pio X, já no início do século passado. Ainda gozando de espantosa atualidade, os alertas de São Pio X acabaram, porém, tornando-se motivo de chacota e risos de um tipo de mainstream católico, testemunhando uma vez mais a força da infiltração desse mesmo modernismo nos corações e almas dos próprios católicos.

Essa cosmovisão modernista provém da famosa divisão cartesiana que estabeleceu uma suposta independência entre corpo e alma, entre corpo e mente, finalmente dando vitória cultural ao racionalismo moderno. Alguns católicos, para fugir de uma aparente semelhança com a gnose dos puritanos protestantes, acabam caindo no problema oposto, na omissão e desleixo que é fruto de uma imensa falta de fé nas verdades reveladas, ao passo que afirmam uma invencível crença nos recursos humanos, sejam tecnológicos, racionais ou ideológicos.

Portanto, o resultado que pode ser alcançado por esta tecnologia, no sentido de inspirar piedade ou fé no público, é imensamente limitado para se dizer o mínimo. Indo mais além, ele pode ser terrivelmente perigoso. Ainda que pudesse representar uma inspiração nas almas, essa inspiração seria meramente humana, simbolizando em si mesma uma decisão de autossuficiência, como se a sensibilidade meramente

psíquica ou psicológica fosse suficiente para elevar as almas até Deus, uma ideia em si mesma errônea e perigosa. Essa ideia de efeito meramente psicológico se liga perigosamente à ideia de manipulação. Mas a verdade não necessita de manipulação, o que implica uma adesão a uma premissa específica.

Aderir a premissas erradas pode abrir perigosas portas à ação de outros agentes envolvidos e incrivelmente presentes na modernidade, os demônios. São eles que ocupam os espaços neutros na modernidade, aquelas portas deixadas pelo homem moderno que não se acostumou a santificar seu tempo, sua visão, seus sentidos e seu pensamento.

## **ChatGPT responde como Satanás**

Nos últimos meses, viralizou uma postagem feita pelo padre Bronchalo, que fez uma pergunta ao ChatGPT, ferramenta de geração de textos virtuais que funciona

com inteligência artificial. O padre perguntou ao Chat:

*"Se você fosse Satanás, como afastaria as pessoas da fé?"*

Ao receber a pergunta do sacerdote, a ferramenta ofereceu uma resposta detalhada, listando sete estratégias sociais e culturais das quais o Príncipe das Trevas poderia lançar mão para enfraquecer a fé da humanidade. O que tornou a resposta um tanto chocante foi a incrível coincidência com o que de fato aconteceu na modernidade, abrindo uma discussão sobre se o texto não teria sido escrito pelo próprio Satanás. A ideia contrária, a de que não passa de uma ferramenta técnica e, portanto, neutra, como dissemos, pertence a uma visão de mundo cientificista que, como mostra o próprio ChatGPT, foi uma das “estratégias” historicamente usadas para enfraquecer a fé do homem.

Abaixo estão as respostas dadas pelo ChatGPT e uma análise sobre cada uma delas.

### **Fomentar o individualismo extremo:**

Incentivar uma mentalidade centrada apenas no "eu" poderia desconectar as pessoas da comunidade, do amor ao próximo e, conseqüentemente, de Deus.

Este foi um dos efeitos do liberalismo filosófico, herdeiro das heresias igualitárias já existentes entre os primeiros cristãos e encarnada na Reforma Protestante. Afinal, desde a gnose primitiva, hereges propunham uma espiritualidade livre e criativa, a extinção da hierarquia espiritual entre os sacerdotes e leigos, além do sacerdócio feminino. Estas teses, que parecem novas atualmente, já foram rejeitadas pela Igreja nos primórdios, assim como a ideia do “livre exame” trazido por Lutero, que nada mais foi que um resgate destas velhas práticas espiritualistas gnósticas. Tal individualismo, reformulado na modernidade e

devidamente secularizado, reaparece no Iluminismo e no liberalismo, sendo especialmente influente no Ocidente como versão secular, mas no Oriente em sua versão espiritual. Afinal, as linhas esotéricas do judaísmo e do Islã defendem uma cosmovisão panenteísta e emanentistas, na qual o Criador se confunde com a Criação através da tese de que são emanações do Ser, ao invés de criações externas a Ele, como na filosofia tomista.

**Sufrimento e desesperança** Ao colocar as pessoas em situações de sofrimento e tragédia, surgiria a dúvida sobre a bondade de Deus, abrindo espaço para o questionamento de sua existência.

Também os primeiros gnósticos trouxeram a cosmovisão dualista na qual um deus mau havia criado a matéria, enquanto um deus bom seria o criador do mundo exclusivamente espiritual. Tal dualismo, que encontrou sua base em Platão e levou

os neoplatônicos a interpretações maniqueístas, foi condenado pela Igreja, mas recuperou-se no Iluminismo, sendo a doutrina por trás do dualismo cartesiano que deu origem à ciência moderna. Além de uma separação arbitrária e errônea entre corpo e alma, essa transformação levou à profunda revolução nos costumes, já que o comportamento e a moral haviam sido, de certa forma, divorciados do espírito e poderiam andar paralelamente em caminhos opostos. A imoralidade como regra trouxe uma incompreensão sobre a noção de bondade divina e conseqüentemente a sua existência em benefício da materialidade biológica e científica.

**Distrair com superficialidade** Encher a vida das pessoas com distrações, como tecnologia e entretenimento, afastaria qualquer interesse pela espiritualidade ou por questionamentos mais profundos sobre a vida.

A sociedade de massas, consequência da modernidade dualista e cartesiana, inspirou todas as suas mudanças na separação entre corpo e alma, da qual se conclui que do corpo pode se dispor como bem entender, sendo neutra a sua utilização desde que seja em nome de um “bem” tratado em sentido meramente físico, como conforto e prazer. Estes princípios são os responsáveis por (des)ordenar toda a modernidade e a cosmovisão do homem moderno cada vez mais avesso à religiosidade e a vida no Espírito. Evidentemente, todo o materialismo moderno está baseado na máxima dualidade do gnosticismo, segundo o qual a matéria é má e o espírito é bom, sendo este “espírito” facilmente confundido com as emoções e sentimentos humanos, meramente naturais, enquanto o corpo fica relegado a leis abstratas da natureza física e animal. Toda reflexão moral só pode ser feita, assim, ou dentro de limites estabelecidos para os vícios e sentimentos ou nas leis biológicas mais baixas.

**Promover o relativismo moral** - Se tudo é relativo e não há verdades absolutas, a moral e os princípios religiosos podem ser diluídos, deixando o terreno da fé confuso e instável.

O relativismo é uma consequência racional desta mesma separação, razão pela qual alcançou incrível popularidade nos meios científicos, especialmente na antropologia cultural. Com a revolução dos costumes, a revolução sexual e psicanalítica alimentada pela revolta marxista, o apelo aos sentidos levou o relativismo à verdadeira inundação de pecados mortais, fazendo da humanidade presa fácil para o adversário de Deus que anda pelo mundo para perder as almas. O mal e o pecado se tornaram verdadeira regra na vida moral, fruto do relativismo que interpõe corpo e alma, levando milhares a acreditarem na mentira de que, embora seus corpos estejam impuros pelo pecado, seus corações estão limpos pela boa intenção, inocência natural incentivada por mentes como a de Jean Jacques

Rousseau com o mito do “bom selvagem”, em que o “homem nasce bom, mas a sociedade que o corrompe”. Esta “sociedade” passou a ser interpretada até mesmo como a Igreja e a piedade popular.

**Cientificismo extremo** - Elevar a ciência como única fonte válida de conhecimento, menosprezando o espiritual como supersticioso, limitaria o espaço para o divino e transcendente.

O cientificismo deu origem a uma nova cosmovisão, na qual o mundo espiritual não existe ou se manifestaria apenas em caráter de absoluta e raríssima exceção, sendo os fenômenos ou leis puramente naturais e mecânicas, a explicação privilegiada para tudo. A vida moral passa a não ter nenhuma validade, mas se torna apenas uma convenção ou opção subjetiva, sendo a matematização da vida e a explicação biológica ou psicológica, a última palavra.

**Escândalos e hipocrisia nas instituições religiosas** - Expor ou até incentivar a corrupção e os escândalos dentro das instituições religiosas abalaria a confiança das pessoas, levando-as ao abandono da fé.

A má vida do clero, por obra da entrada do modernismo e do progressismo que avançou através do relativismo e cientificismo, tem levado muitas pessoas à completa apostasia, o que não raro se observa fruto até mesmo de um discutível “apostolado” baseado na denúncia contra a Igreja. Ainda que os maus exemplos sejam em grande número, o clero pertence à hierarquia sagrada, ligada no céu pelo próprio Cristo. Os ímpios pagarão no Dia do Juízo, mas nesta vida cabe ao fiel obedecer e respeitar esta hierarquia, sob pena de ser julgado da mesma forma.

**Divisão e conflito** - Promover o ódio e a divisão entre os próprios crentes enfraqueceria o

papel da religião como fonte de paz e reconciliação.

Em meio à hegemonia do pacifismo e a ideia de que a religião só tem serventia para gerar a paz entre os homens, todo conflito entre as religiões ou mesmo entre os católicos é visto como prova de que a religião não serve, afinal, para nada.





**Filosofia**

# O DEMÔNIO DA DISTRACÇÃO

***Wolfgang Smith***<sup>8</sup>

A distração crônica – uma das maiores ameaças de nosso tempo – pode ser caracterizada como uma condição passiva na qual um homem habitualmente se alimenta de estímulos externos, como se eles por si

---

<sup>8</sup> ***Nota dos editores:*** O texto a seguir é do filósofo e físico Wolfgang Smith e está disponível na internet há muitos anos. Ele representa, porém, um divisor de águas para muitos sobre a ação dos meios de comunicação na modernidade e sua relação com a alma humana. Listamos ele em nosso conteúdo para que todos os católicos fiquem atentos sobre o quanto esse demônio da distração determina nossa capacidade de atenção espiritual naquilo que realmente importa, muitas vezes levando-nos a desviar-nos para focos errados ou menos relevantes à nossa necessária santificação.

só pudessem constituir um fim suficiente para a existência humana. É um estado que viola um princípio fundamental: a obrigação de limitar e assimilar seu próprio “alimento mental” através do exercício de um poder determinado – o mesmo poder, de fato, que nos torna humanos

O mais assombroso não é que essa condição de gula e indigestão mental não seja salutar, mas que possa ser tolerada frequentemente com tão grande facilidade. A explicação para esse desconforto aparente reside no fato de que a distração, depois de certo tempo, leva a uma dissipação das energias mentais e a uma redução correspondente dos níveis de concentração, de tal forma que o processo em si mesmo cria a insensibilidade necessária. As percepções sutis, esses vislumbres de reinos transcendentais aos limites estreitos do universo convencional, são a primeira coisa a desaparecer. Longe de ser um mero empobrecimento, esse evento não anunciado significa a perda de nossa inteligência mais elevada, de nossa

liberdade real e, em certo sentido, de nossa humanidade

Entre os inúmeros fatores em nossa civilização contemporânea, que tendem a agravar esse problema, o primeiro lugar deve ser dado aos meios de comunicação de massas, e especialmente à televisão, cujo impacto sobre a disposição e a vida mental do público em geral é virtualmente incalculável. Só precisamos considerar a profusão de entretenimento, notícias, propaganda, tragédia, vulgaridade e pura fofoca que essa verdadeira caixa de Pandora libera aleatoriamente em cada casa, para maravilhar-nos sobre como o público foi capaz de sobreviver a essas incursões sem sofrer uma perda completa da sanidade! Alguns dizem que as plantas podem ser mortas por uma overdose de rock, e podemos assumir que se um animal pudesse ser forçado a se interessar por uma avalanche similar de estimulação desarmônica, colapsaria imediatamente. E ainda assim o homem parece florescer com tal razão.

Em face aos graves perigos, especialmente para a vida espiritual, resultantes dessa dominação sem precedentes da sociedade pela mídia, surpreende-nos quão pouco as lideranças cristãs buscaram avisar os fiéis. Ainda que o ato de ingestão de programas de TV a base de vinte e três horas por semana possa não implicar em si mesmo, digamos, um pecado venial, seria necessária uma falta monumental de perspicácia para se concluir que tal estilo de vida é compatível até mesmo com um mínimo de espiritualidade! Deixando de lado o conteúdo efetivo desses programas – ao qual voltaremos na última parte – gostaríamos de apontar neste artigo que a dispersão em si mesma é categoricamente oposta ao ethos Cristão. E o é de tal forma que o problema a nos confrontar toca o próprio coração da doutrina cristão.

Consideremos as palavras de Cristo em Mateus 12:30: quem comigo não ajunta, espalha. Agora, de

acordo com a interpretação tradicional, quem não ajunta comigo significa Satã, e o que está sendo espalhado é a coletividade das almas humanas. Assim como as ovelhas são espalhadas por um lobo predador, também as almas são espalhadas pelos incontáveis atalhos do erro, que divergem em todos os sentidos da única verdade central. Mas há também outra interpretação, mais diretamente relacionada ao nosso tópico, de acordo com a qual quem comigo não ajunta é o próprio homem, na medida em que tenha divergido do caminho da salvação, e o que é espalhado é sua alma, ou melhor, os múltiplos poderes de sua alma. Nos caminhos desse mundo, esses poderes se dispersam indefinidamente, como um monte de poeira lançado ao ar.

Nesta perspectiva, aquele que ajunta com Cristo é também o que entra pela porta estreita (Mateus 7:13), o mesmo que passa pelo caminho apertado, que leva até a vida. De fato, o caminho apertado e a porta estreita sugerem a idéia de concentração, de

ajuntamento de muitas coisas em uma só, assim como a porta larga e o caminho espaçoso sugerem expansão ou dispersão. Os adjetivos espaçoso e largo podem, portanto, ser uma referência não simplesmente à escassez ou abundância respectiva de viajantes, mas também à condição da alma enquanto viaja por cada um desses caminhos. Para substanciar essa interpretação, observemos que a porta estreita corresponde evidentemente ao buraco de agulha na parábola do homem rico, que achava difícil entrar no reino dos céus. Agora, quem é esse homem rico, e qual é a natureza dessas possessões, que obstruem sua entrada? A resposta é dada pelo próprio Senhor quando Ele diz, “Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. Aqui somos informados de que a pobreza através da qual alguém pode passar pela porta estreita – também passar através do buraco de agulha – é uma pobreza espiritual, uma pobreza referente à condição da alma. De fato, não pode haver dúvida de que nossa alma, em seu presente estado, é eminentemente comparável

ao homem rico. E por isso, ao escutarem essa parábola, os discípulos de Jesus ficaram excessivamente assustados, dizendo, “Quem então pode ser salvo?” Eles ficaram profundamente preocupados, pois presumivelmente entenderam em seus corações que aquilo que foram chamados a atingir era humanamente impossível. Então nosso Senhor lhes confortou, e a nós, acrescentando que para Deus todas as coisas são possíveis. Através de mais encorajamento, Ele nos fez entender que aquelas possessões interiores, as quais todos que seguem Cristo devem abandonar, são na verdade um fardo para a alma. Por elas nós trabalhamos e ficamos sobrecarregados, e disso somos liberados quando andamos nas pegadas de Cristo. Porque meu jugo é suave, e meu fardo leve (Mateus 11:30).

O abandono de tudo que é estranho à essência da alma não é somente uma purificação e uma catarse, mas é também, ao mesmo tempo, um ato de descanso e concentração, através do qual os poderes espalhados

da alma são recolhidos de todas as direções, para serem reintegrados no centro luminoso de qual irradiaram. Esse centro é o coração místico do qual os profetas e os santos falaram, o templo interno onde Deus reside em segredo, e é ,em última instância, o oratório ao qual Cristo alude em Mateus 6:6, quando Ele nos exorta: entra no teu aposento e, fechando a porta, ora a Teu pai que está em secreto. Finalmente, esse abrigo íntimo de nossa alma é também a porta estreita que leva ao Reino de Deus. Pois como São Isaac da Síria escreveu “Tenta entrar em tua casa do tesouro interior e verás a casa do tesouro dos céus. Pois uma e a outra são a mesma, e uma e a mesma entrada revela as duas.

O contexto de Mateus 6:6, no entanto, não deixa dúvidas de que a idéia de entrada no santuário interior deve admitir graus, de forma que muito antes que a perfeição completa da santidade seja atingida, nós, que ainda estamos sujeitos à corrupção do mundanismo, possamos experimentar um descanso

parcial, e alguns momentos de repouso espiritual. “Nós podemos transformar nosso coração em um oratório”, escreve o Irmão Lawrence em seu estilo simples e doce, “onde nos retiramos de tempo em tempo para conversar com Ele em sua mansidão, humildade e amor. Todos são capazes dessa conversação familiar com Deus, alguns mais, outros menos”. Quanto mais profunda e habitual essa conversação se tornar, mais harmoniosa e frutífera também será nossa vida exterior. Na verdade, o grande segredo é levar a paz e interioridade da contemplação até a vida ativa, para que estivermos onde estivermos, ou qualquer que seja a tarefa que nos chamar, permaneçamos concentrados, com nosso olhar interno fixo em Cristo. É nesse estado, quando seus olhos forem bons (Lucas 11:34), que um homem realiza seu grande trabalho, ou melhor, é nesse estado que nosso trabalho é santificado, pois então nós obramos as obras de Deus (João 6:28). Tendo iluminado uma candeia ao acender nossa alma com o amor de Deus, somos exortados pelo Próprio Cristo a

colocar essa candeia ardente sobre o candelabro, para que os que entram vejam a luz. (Lucas 11:33).

Dessa reflexão sobre os ensinamentos de nosso Senhor emerge o fato de que a vida cristã é necessariamente oposta a tudo que espalha e dissipa os poderes da alma, a tudo, em outras palavras, que atrai o homem para longe de seu centro, que o faz esquecer Deus. O que está em jogo aqui, seja dito, vai muito além do “pecado” ou da “concupiscência da carne”, ou pelo menos da forma como esses termos são ordinariamente compreendidos. Pois existe um tipo de tendência pecaminosa, um modo sutil de concupiscência, inerente a nossa natureza sensorial e imaginativa, que como uma voz clamorosa perturba e agita com sua tagarelice incessante. Apesar de toda sua inocência enganosa, esse “demônio da distração” interior pertence à herança infernal que chegou até nos como consequência do pecado original. “O que mais é a iniquidade,” declara Santo Agostinho, “senão um desvio da vontade de Vós, Ó Deus, que é a

Suprema Substância: ela joga fora o que é mais interior e incha gananciosamente pelas coisas exteriores. Como é expressiva essa frase “incha gananciosamente”, pois em verdade essa paixão pelas coisas exteriores realmente incha a alma excessivamente, como podemos aprender do camelo na parábola do Evangelho.

O crescimento em “massa” é ao mesmo tempo uma dispersão das energias psíquicas, como já foi apontado anteriormente, assim como um aumento das magnitudes espaciais no caso de uma expansão centrífuga envolve uma dispersão concomitante do raio concêntrico. De acordo com essa analogia, o movimento característico da vida espiritual é contrativo e centrípeto, um recolhimento em um ponto central, o qual, não tendo magnitude, é, de fato, como um grão de mostarda (Mateus 13:31). Aqui, na menor de todas as sementes, repousa escondida a realidade eterna de tudo que pode ser encontrado através da vastidão do espaço cósmico, e

na verdade, de tudo que já foi e tudo que será. Verdadeiramente, todas essas coisas vos serão acrescentadas, e nada vos será impossível (Mateus 6:33, 17:20).

É, no entanto, a tragédia do homem decaído que ele não tenha “fé como um grão de mostarda, pois como Santo Agostinho lamenta, nossa fé está nas “coisas exteriores”. Essa é a situação deplorável e perversa, da qual devemos nos libertar, com a ajuda de Deus Todo-Poderoso. “A perfeição da alma,” declara Mestre Eckhart, “consiste na libertação da vida que é parcial e a admissão à vida que é completa. Tudo o que está espalhado nas coisas inferiores é recolhido e ajuntado quando a alma se eleva até a vida onde não há oposições”. O que presentemente conhecemos por experiência é aquela “vida que é parcial”, uma vida dispersa, se assim podemos dizer, por uma infinidade de momentos temporais, e limitada em cada ponto pelos opostos inescrutáveis do passado e do futuro. A outra vida nós não conhecemos, pois não é manifesto

o que devemos ser (João 3:2). Entre as duas existe uma ponte, e esta ponte é Jesus Cristo. É ele que ajunta tudo o que está disperso nas coisas inferiores, e é através Dele que a alma se eleva até a vida eterna. Mas permita-nos lembrar isto também: aquele que comigo não ajunta, espalha.

Idealmente, essa concepção de comunhão com Cristo implica nada menos que uma total integração de nossa vida através da lembrança incessante de Deus. Como os Tessalonicenses, nós também somos chamados a rezar sem cessar, e isso a despeito da enormidade de nossas incapacidades. Não esqueçamos nunca, em Deus todas as coisas são possíveis – e mesmo que se admita que o objetivo é quase inatingível, isso não legitimaria o tipo confortável de Cristianismo “meio-período” que está em alta demanda, não mais do que a afirmação de São João de que todos os homens são pecadores pode ser tomada por uma legitimação do pecado. Independentemente do que qualquer um possa sentir

sobre o assunto, permanece o fato de que não bastará, seguindo os costumes de Penelope, reunir-se com Cristo em ocasiões especiais, somente para espalhar com o mundo todo o tempo restante. Para um vislumbre do que significa seguir Cristo na prática, nós devemos consultar as vidas e ensinamentos dos santos, não esquecendo que – longe de serem anormais – os santos são em verdade as únicas pessoas completamente sãs nesta terra. Apesar de nossos sentimentos democráticos, somos obrigados a admitir que as opiniões da maioria têm pouco peso quando se trata do Reino de Deus, pois como o Próprio Senhor declarou, são poucos, e não muitos, os que conhecem o caminho estreito, que leva até a vida. Não sejamos enganados então por ensinamentos diluídos, não importando quão vociferante for sua proclamação, lembrando que é muito melhor mirar alto e fracassar do que negar o ideal desde o princípio ao rebaixá-lo. Apesar da interminável propaganda sobre “reformas”, os ideais cristãos continuam intocáveis, e se acontecer desses ideais não se conformarem ao

espírito dos tempos, pior para a civilização que os abandonar!

Na realidade, nada poderia ser mais certo, ou mais auto evidente, do que a oposição do espírito desse mundo ao Cristianismo, assim como a do próprio Cristianismo ao espírito desse mundo. De fato, quem poderia ler o Evangelho segundo São João, por exemplo, e ainda assim ter dúvidas sobre isso? Pois Cristo estava certamente falando para todos nós – a todos que seriam verdadeiros Cristãos – e não só aos Seus discípulos imediatos, quando disse: Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia. Não podemos deixar de nos perguntar, às vezes, se essas palavras ainda estão sendo lidas, ou se ainda são levadas a sério. Talvez algum estudioso erudito, sob a inspiração de um Teilhard de Chardin ou um Hans Kung, tenha persuadido seus pares e

estudantes de que essas palavras pertencem a uma fase anterior da “ história da salvação”, ou que porventura elas não atingem os critérios exigentes da moderna crítica textual! O que mais, deveras, poderia ter calcado o caminho para pretensas teologias, nas quais a inspiração de Darwin , Freud ou Marx , digamos, pode ser mais apreciada do que o ensinamento de Cristo.

Uma das principais fontes de autoridade em que estas “teologias do progresso” supostamente se sustentam é a ciência moderna, começando pela física cosmológica. Mas aqui, também, temos espaço para questionamentos. Pois o que a ciência nos revela nos termos mais inequívocos é um panorama de mudança contínua, um universo Heracletiano no qual todas as coisas estão irremediavelmente em um estado de fluxo. Isso é verdadeiro, além disso, até mesmo para o universo como um todo, o espaço cósmico em si mesmo, do qual é dito constituir-se de uma hiperesfera em expansão, uma bolha tridimensional,

cujo raio está aumentando à velocidade da luz. Apesar de o centro dessa hiperesfera, o ponto central a partir do qual o cosmos inteiro está decaindo em tal incrível velocidade, não estar em qualquer lugar do espaço físico, ele pertence, de qualquer forma, ao limite matemático do espaço-tempo de quatro dimensões. A partir dessa perspectiva, que é essencialmente o ponto de vista da cosmologia relativista, o cosmos se aparenta uma onda esférica expansiva se expandindo para fora, para longe do centro primordial, em direção à periferia do ser, o limite último ou circunferência, aonde a existência como tal chega a um fim. Uma imagem similar emerge no domínio biológico, pois vemos que a vida está inevitavelmente associada com a assimilação e o crescimento, que são modos da expansão, e todo processo vital move-se inexoravelmente em direção a uma periferia, na qual termina em morte. A Ciência nos provê pelo menos com uma grande certeza: tudo o que pertence a este mundo, desde as partículas elementares até as culturas e civilizações, passará; nada permanece.

Contra esse panorama, no contraste mais incisivo concebível a essa lei aparentemente inexorável, ergue-se o Cristianismo com sua incrível reivindicação, a reivindicação da religião: a grande lei deste mundo pode ser quebrada, sua tendência irresistível pode ser dominada, a própria morte pode ser conquistada vitoriosamente! Mas o caminho que leva a essa conquista é estreito e difícil de ser cruzado – como a ponta de uma lâmina, declara um antigo texto Oriental! – pois não é o caminho das riquezas, mas da pobreza; não do prazer, mas da Cruz. Como a própria palavra indica, religião (re + ligare) é de fato uma “religação”; religação, isto é, ao Centro perdido, à Origem perdida, de volta a Deus.

O espírito de nosso tempo, ou o que também pode ser chamado de “mundo moderno”, é, fundamentalmente, nada menos que o mundo, no sentido Bíblico já mencionado, mas que agora se manifesta completamente. É o mundo enfim se

glorificando em suas próprias possibilidades, desembaraçado de qualquer escrúpulo intelectual sobre a transcendência, ou de qualquer nostalgia restante de um paraíso perdido. É o mundanismo alimentando-se de si mesmo, organizado e mobilizado; de fato, é o mundanismo elevado à enésima potência, preparando-se para o ataque final contra os últimos bastiões remanescentes da religião autêntica – contra Ele que ousou dizer, Eu venci o mundo.

Como conclusão, gostaríamos de tocar uma vez mais no tema da mídia, mesmo que seja somente porque o impacto da mídia sobre nossas vidas assumiu proporções pantagruélicas. Até mesmo as estatísticas nuas nos dizem isso: apenas com a TV, vinte e três horas por semana nos EUA, e de acordo com uma pesquisa britânica, oito anos de vida. Oito anos retirados daquele resquício precioso de vida que resta depois do trabalho monótono do escritório e da fábrica, ou depois do agregado potencial de diversão

que poderia ser dedicado a coisas mais elevadas, e acima de tudo, ao crescimento espiritual.

Em conexão com isso gostaríamos de indicar um livro penetrante e brilhante, publicado em 1977 sob o título significativo de “Cristo e a Mídia”, por Malcom Muggeridge, jornalista veterano e celebridade televisiva da BBC. O livro é baseado em três palestras proferidas em Londres, e eis como Muggeridge começou: “ É um truísmo dizer que a mídia em geral, a TV em particular, e a BBC especificamente, são incomparavelmente a maior influência singular em nossa sociedade atual, exercida em todos os níveis sociais, econômicos e culturais. Essa influência, devo adicionar, é , em minha opinião, exercida de forma irresponsável, arbitrária, e sem referência a qualquer referência moral, intelectual e muito menos espiritual.

Ademais, se é o caso, como eu acredito, de que aquilo que ainda chamamos de civilização Ocidental está se

desintegrando rapidamente, então a mídia tem um importante papel no processo ao levar a frente, apesar de fazê-lo inconscientemente na maior parte do tempo, uma poderosa operação de lavagem cerebral, através da qual os padrões e valores tradicionais estão sendo denegridos até desaparecerem, deixando um vácuo moral no qual os próprios conceitos de Bem e Mal deixaram de ter validade”.

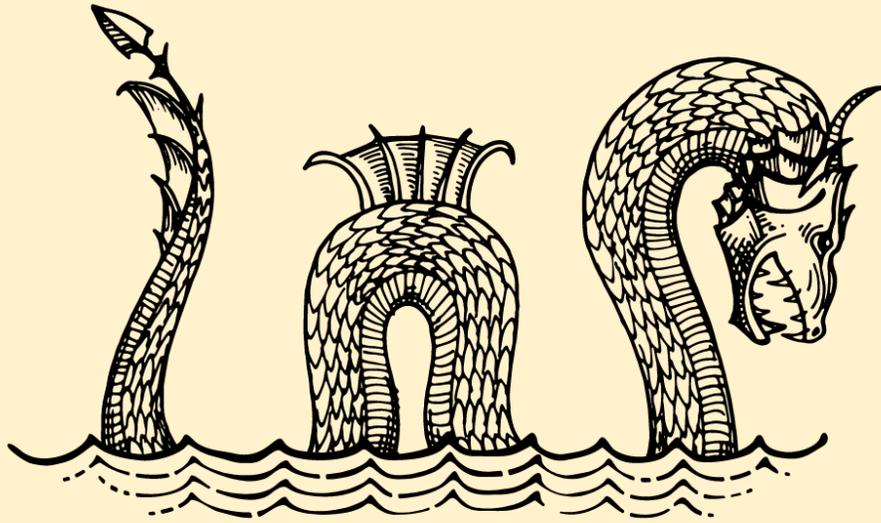
A mídia reflete a mentalidade de nossa era. É disso que ela se alimenta, é o que ela amplifica mil vezes com a ajuda de uma tecnologia incrível, e eventualmente retransmite para um mundo de espectadores. Tendo emprestado uma voz e um corpo eletrônico para a mente coletiva, para assim dizer, ela avança impondo essa mentalidade ao público com uma força e uma fúria sem precedentes. Certamente Muggeridge não exagera ao notar que os historiadores futuros nos verão “como criando na mídia um monstro Frankenstein que ninguém sabe como controlar e direcionar, e se espantarão sobre como

submetemo-nos tão docilmente a sua influência destrutiva e muitas vezes maligna”.

É interessante que Muggeridge veja a mídia principalmente como um fabricante de fantasias. Através do tubo de TV nós fugimos para um reino inventado, uma terra de conto de fadas, que mais e mais usurpa o lugar da realidade em nossas vidas. “A impressão prevalente que eu tenho da cena contemporânea é a de um abismo sempre em expansão entre a fantasia que a mídia nos induz a desejar viver, e a realidade de nossa existência como imagem de Deus, como residentes temporários cujo habitat verdadeiro é a eternidade”. Como um observador astuto, que passou a maior parte de sua vida nos bastidores da mídia, e que atravessou e reatravessou inúmeras vezes esse “abismo”, Muggeridge conhece muito bem o seu tema. “O abismo está lá, está se alargando em uma velocidade acelerante e os valores estão sendo denegridos até desaparecerem...” Isto constitui um dos maiores

problemas a confrontar o Cristianismo hoje, ainda mais por ser insuficientemente reconhecido.

*(Tradução: Murilo Resende Ferreira)*



Coluna

# A PEÇONHA PERPÉTUA

*Walter Arruda*

Assola esta época desde os grandes centros aos rincões. É uma peste. Espalha-se por meio de velhas cepas em arranjos aparentemente novos. Assalta intelectuais nutridos por leituras modernas, pós-modernas e mundanas, e leitores de primeiras capas. Apoia-se no orgulho, na presunção, na voz da

revolta que espreita os pensamentos e dá suporte às ideologias.

Urge examinar as ondas de simpatia ou ingresso ao caminho da Mão Esquerda preconizado pelo ideólogo russo Alexander Dugin, que concorre para o fim da sacralidade católica, a qual atribui a condição de mero arranjo exotérico, fachada para uma filiação subterrânea à certa tradição primordial capaz de trazer satisfação espiritual completa, como defende a tentação perenialista, porém profundamente distinta da Salvação Eterna em Nosso Senhor Jesus Cristo.

A presença de portadores da mentalidade revolucionária em paróquias e grupos de debates virtuais é cada vez mais comum. Estimula o desprezo de muitos leigos pela hierarquia da Santa Igreja, demais normas eclesiais e também pelas regras paroquiais. Esse desprezo é um dos estandartes da Revolução Conservadora encampada pela ação da peçonha perpétua sobre corações e mentes, direta ou

indiretamente dedicados a restaurar e expandir o ímpeto imperialista da recém eclodida União Soviética.

Não é à toa a multiplicação de agremiações neopagãs constituídas, em suas maiorias, por integrantes de grupos neofascistas de terceira posição insatisfeitos com a democracia liberal, e tentados insidiosamente a perseguir os Sacramentos e o próprio Cristo para instalar um supra-Estado gnóstico com a intenção de açambarcar toda a humanidade no delírio de um conglomerado sinárquico, multipolar, dirigido pela “mãe Rússia”, a “Terceira Roma”. O “império do fim”, como anuncia o ideólogo Dugin, defensor do fim da era do Logos, o Reino de Deus, para dar vez ao império do caos.

Se uma ou mais cepas da peçonha perpétua percorrerem e se instalarem em seus pensamentos, e despertarem qualquer traço de rebeldia contra a Santa Igreja, como se esta fosse uma mera instituição

humana, muita atenção para não morder a isca e passar a ostentar a seriedade faceira dos conservadores do ódio diabólico contra O Criador e a criação, ocultando consigo a lâmina revolucionária da via da Mão Esquerda. Renuncie o conhecimento que cega, e as armadilhas entre duas colunas sobre o xadrez da desordem, o cabo-de-guerra entre igualdade e liberdade capaz de prender o homem em lutas feitas para afastá-lo completamente da Graça Santificante.

A Santa Igreja Católica é nossa mãe. E Nosso Senhor Jesus Cristo, O diletíssimo primogênito de Deus, crucificado no madeiro, resiste às chamas ardentes da fornalha da rebelião contra os Céus, nos faz imunes às ações derradeiras da maligna peçonha. Seu Sagrado Coração e o Imaculado Coração de Nossa Senhora prevalecerão, enquanto o vetor do veneno, a antiga serpente, terá a cabeça esmagada, restando-lhe a convulsão de seu serpentear entre blasfêmias, enganos e dissimulações.

# O PODER DO REINO DE CRISTO

*(Sobre homens que levitam e voam.  
E atuam em lugares distintos ao mesmo tempo)*

*Walter Arruda*

Veza por outra penso sobre certos intelectuais criados a Counter-Strike e achocolatados, dedicados jogadores de “RPG”, fanáticos pela “sociedade do anel”, cultores de bandas de heavy metal alimentados na infância pela “fuga do labirinto” de “Caverna do Dragão”. Parecem ter ficado chateados com alguns textos do Instituto Estudos Nacionais.

Gente que prefere o universo ficcional e imagético (televisivo) de cavaleiros ligados a um medievo sem Cristo. Gente que em sua maioria ignora feitos

milagrosos da ação direta de Deus, como a do Apóstolo São João Evangelista quando foi chamado: Anaba hōde (Ανάβα ὧδε/Ascende huc/Sobe aqui). Ou São Tiago Maior e suas bilocações relatadas na Espanha. O mesmo São Tiago diante do qual Nossa Senhora apareceu enquanto pregava em Saragoça, anunciando auxílio e a instalação do Pilar de Jaspe, junto ao qual foi erguida a Basílica. O mesmo São Tiago (o Matamoros), que séculos depois ajudaria os católicos a vencer a Batalha de Clavijo contra a invasão muçulmana.

E a própria Nossa Senhora, que teve a sua casa trasladada por anjos, passando por Trsat na Croácia, antes de ser instalada em definitivo em Loreto, na Itália.

Pensando um pouco mais, o que dizer das bilocações de Santo Antônio de Pádua, o de Lisboa, e São Martinho de Porres, Padroeiro do Peru, São José de Cupertino? Levitava enquanto rezava.

Graças a Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, creio nos testemunhos da vida santa desses servos de Cristo, escravos da Augusta Rainha dos Céus. Creio em homens que voavam e estiveram milagrosamente em lugares distintos ao mesmo tempo.

Aos que seguem presos a esquemas gnósticos de mônadas flutuantes, algas vivas fantasmagóricas a balizar seus imaginários, como o cinzento Gandalf e o branco Saruman, submundo das moneras do engano, alerto para contemplarem a História da Santa Igreja, ponham-se de joelhos diante da Cruz, busquem a Eternidade do Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo. É urgente voltar à Igreja Militante.

Voltemos às vidas dos Santos!

Cultura

A IMAGEM DA VIDA  
RELIGIOSA NO MUNDO  
ATUAL



*Cristian Derosa*

O afã de ser aceito pelo mundo produz todo tipo de infidelidade. Assim como as profissões, a vida matrimonial e familiar, a vida religiosa na Igreja Católica também sofre com o assédio das imagens construídas pelo mundo e impostas como condições para a aceitação no mundo, sem as quais são passíveis de discriminação e perseguição. Exemplos disso podem ser enumerados aos montes. E a explicação histórica disso está impressa na história das ideias que formaram o horizonte de consciência da modernidade. No passado, a destruição da imagem da vida religiosa e dos cristãos justificou muitos martírios.

Em 2017, uma série de denúncias começaram a aparecer na grande mídia contra a Associação Privada de Fieis de Direito Pontifício Aautos do Evangelho, que possui estrutura baseada nas antigas ordens militares medievais. Essas denúncias, que

repercutiram até mesmo nos meios católicos, incluem alguns tópicos historicamente compreensíveis quando se observa a história das ideias que embasaram a construção da imagem da vida religiosa tradicional. Dito de maneira mais exata, a construção de imagens determinou as ideias predominantes na sociedade moderna, especialmente sobre a condição da mulher na vida religiosa. Não foi à toa que, àquela altura, as denúncias procuraram trazer possíveis abusos contra moças adolescentes internas da ala feminina dos Arautos, que tem como inspiradora Santa Joana D'Arc.

Faz parte da característica fundamental do jornalismo comunicar-se com a sociedade através das imagens consagradas no imaginário. Essas imagens, por sua vez, provêm especialmente do cinema e da televisão por sua característica mais superficial. Mas é evidente que estas, por sua vez, são oriundas da literatura e dos clássicos modernos. Quando tratamos das imagens associadas à Igreja Católica, tudo isso é tirado da

propaganda protestante e das ideias iluministas, fundamentalmente anticatólicas em sua base.

Portanto, o preconceito social com os regimes internos religiosos e de clausura de ordens religiosas e monásticas vem de longa data no mundo ocidental e se dirigiram exclusivamente a instituições católicas.

Pode-se iniciar essa sondagem a partir do ponto mais superficial, aprofundando então às suas fontes mais clássicas na cultura ocidental. Em uma busca rápida na internet, o termo clausura ou “freiras enclausuradas” gera uma incrível quantidade de reportagens negativas sobre casos de freiras aprisionadas em conventos, vítimas de toda sorte de maus tratos, tortura psicológica e violências. O poder dessas imagens pode ser observado na ideia predominante na sociedade sobre o papel da mulher, desatrelado tanto da maternidade quanto da vida religiosa. Se a mulher precisa racionalizar o seu papel, trilhando o mesmo caminho do homem, isso não

parece dar a ela a liberdade de se tornar religiosa. Muito menos enclausurada. A clausura, instituição tradicional e que possui o belo simbolismo da total entrega e contingência humana diante da onipotência de Deus, passa a ser tão incompreensível enquanto opção livre que só pode ser interpretado como uma condição involuntária, fruto de uma imposição exterior, o que se coaduna com a imagem necessária do feminismo segundo a qual a mulher foi e é historicamente oprimida pela sociedade patriarcal. Não cabem nesta imagem ideológica a liberdade e força das grandes santas da Igreja, exceto se elas optassem por viverem independentes de Deus.

As notícias da mídia, assim, se tornam extremamente verossímeis na mentalidade popular devido ao longo histórico literário e artístico, cuja referência mais forte podemos remontar ao filme *A Religiosa*, de 1966, dirigido por Jacques Rivette como a personagem Anna Karina, que surgia em um momento especialmente revolucionário, pouco antes do icônico maio de 1968. Assim como a sua refilmagem recente,

em 2013, o filme conta o horror vivido por uma freira mantida como prisioneira de um convento. Assim como outras obras clássicas que são passadas a alunos do primeiro semestre de todas as faculdades, como *O Nome da Rosa*, baseado na obra de Umberto Eco, o filme é apontado por diversos historiadores como uma das maiores referências na construção do imaginário sobre a história da Igreja Católica na atualidade.

O filme causou polêmica já na época de seu lançamento. Mas ele foi uma adaptação da obra literária de 1760, escrita pelo proeminente enciclopedista Denis Diderot, preservando na obra cinematográfica a contundente crítica à Igreja feita pelo escritor francês e sua geração profundamente anticatólica. A história serviu, já no tempo de Diderot, para ilustrar a denúncia de que conventos católicos estavam servindo para “propósitos autoritários, materiais e libertinos”. A ideia era retratar, por meio de uma história, a que serviram os

conventos durante toda a Idade Média, época associada às trevas pelos autoproclamados iluministas. Em contraste, a Revolução Francesa, da qual Diderot era entusiasta, seria claramente uma solução para todas as formas de opressão por meio das luzes da razão contra a fé, vista como superstição. Mas a que história real Diderot se refere?

O enciclopedista se refere à suposta história real de Marguerite Delamarre, uma jovem freira que teria sido impedida de sair do convento. A leitura da obra virou febre na França revolucionária que fervilhava de anticatolicismo entre as classes intelectuais. Alguns historiadores apontam o livro de Diderot como peça chave para a invasão do convento das Carmelitas, evento sangüinário que deu origem ao martírio de dezenas de religiosas.

### *Uma fraude desmascarada*

Em 1951, porém, o historiador Georges May em uma densa pesquisa histórica sobre a vida de Marguerite

Delamarre, descobriu tantas inconsistências na obra de Diderot ao ponto de concluir tratar-se de mera propaganda anticatólica. Uma propaganda que acabou determinando todo o imaginário moderno.

Abandonada pela mãe, que contou não ter tempo de cuidar da criança devido aos negócios do marido, a pobre menina foi criada dentro de conventos, passando de mão em mão em uma história triste, mas infelizmente comum na França daquele período. Quando a mãe viu que a menina estava em idade de casar, mandou logo retirá-la do convento, arranjando um matrimônio com homem de Gennes e a família de Delamarre devia pagar um dote de 60 mil libras pela vantagem do casamento, que possivelmente poderia trazer benefícios aos negócios. Foi então que Marguerite começou a alegar uma “irresistível vocação religiosa”. Contrariada pelo desejo do casamento da filha, a mãe começou a acusar a menina de estar em um relacionamento sexual com o noivo, e que poderia até estar grávida, espalhando boatos

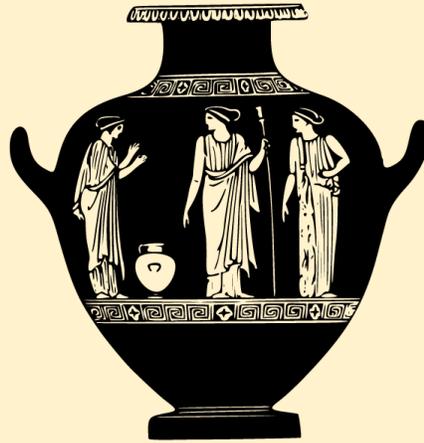
sobre a própria filha até submetê-la a um exame. Depois disso, manteve-a trancada em casa sem a possibilidade de sair. Diante da escolha entre o claustro da mãe ou a clausura de um mosteiro, Marguerite optou por entrar em seu quarto convento em 16 de junho de 1732. Coincidentemente ou não, foi nessa mesma época que seu pai, tendo economizado em seu dote, desembolsou 35 mil libras para “comprar” um cargo de secretário do Parlamento de Bordeaux.

Baseado, portanto, numa pura obra de propaganda anticatólica, o filme de 1966 surgia exatamente no período em que a Igreja se reunia para responder a um clima geral de reivindicações, o Concílio Vaticano II, um evento que foi retratado pelo mundo como uma tentativa de adaptar-se ao mundo. Não por acaso, o filme não perdeu a popularidade, tendo tido adaptações em 2013 e, mais recentemente, em 2021. Esse foi o clima cultural em que começaram a surgir as primeiras denúncias de pedofilia na Igreja Católica.

Hoje, basta uma acusação de pedofilia contra um padre para que se acredite como um fato comprovado, mesmo que inexistam provas. Em se tratando da Igreja, todas as suspeitas são confirmadas e se tornam imediatamente verossímeis no imaginário público dos jornais. Esta era precisamente a imagem que Diderot buscou fazer da Igreja Católica.

Em nossos dias, as acusações contra o clero e instituições da Igreja Católica, sejam sacerdotes ou ordens religiosas, são feitas da mesma maneira, a partir de estereótipos construídos jornalisticamente. O estereótipo foi definido como linguagem fundamental do jornalismo pelo escritor e jornalista, assessor político, Walter Lippmann, em 1922, no livro *Opinião Pública*. Assim, essa figura de linguagem que era mais comum nas artes e na literatura, se tornou a regra no jornalismo, sendo o meio atual de construção e estabelecimento de imagens públicas para a sociedade. A Igreja foi diversas vezes vítima desse uso, seja literário, artístico

ou jornalístico, ao longo da história. Não é de se admirar que hoje a imagem construída dessa maneira seja a mais atuante no imaginário mesmo de católicos.



Cultura

# A GRANDE INGENUIDADE DOS APÓSTOLOS DA EDUCAÇÃO CLÁSSICA

*Regina Milites*

Os atuais defensores da “educação clássica”, muito em moda entre pais educadores e defensores do homeschooling, dizem optar por um caminho que formou grandes intelectuais e personalidades do passado. Eles possuem em suas intenções o resgate de

seus filhos frente a uma decadência educacional histórica, um fenômeno claramente observável, além do déficit cognitivo e decadência moral típicas do nosso tempo. A opção, ainda que defensável sob este ponto de vista, possui, porém, riscos ao se contrapor aos princípios da tradicional educação católica, dando preferência ao ensino das virtudes a partir das histórias clássicas da mitologia, dos mitos gregos pagãos em um detrimento — talvez involuntário — da realidade histórica da prática dessas virtudes impressas na vida dos santos.

Fala-se muito, em toda a parte, sobre o fracasso educacional do Brasil e no mundo. A que se dá esse fracasso?

O fracasso normalmente é visto como uma meta não alcançada, um objetivo que naufraga no meio do caminho ou no seu termo, na hora em que devia funcionar. Mas quando o assunto é educação ou conhecimento, é preciso ter-se em mente com clareza

o que é a meta, qual é o objetivo e como identificá-lo para se saber se foi alcançado ou não. Sem esse conhecimento, como julgaremos o nosso fracasso ou sucesso? Certamente o julgamento será visto como correto, pois ele próprio carrega a premissa que deseja confirmar. Se a educação serve para formar profissionais, basta que um trabalhador tenha uma eficiência mínima nas suas tarefas e o objetivo da educação terá atendido o seu fim.

O problema da educação é exatamente este: muitas teorias ou propostas são oriundas de premissas erradas sobre o seu fim último. Qual o conceito correto de educação e sua premissa fundante mais acertada? A premissa vem antes do conceito e ela não é especificamente sobre educação, mas sobre o homem. Não basta ter em mente um conceito acadêmico, filosófico ou mesmo genericamente religioso, de educação. Mas uma imagem do homem, o que ele é e para que ele serve.

A educação moderna é essencialmente profissionalizante, ou seja, forma profissionais para o mercado de trabalho. Ela é um tipo de reducionismo, afinal, o homem não é só isso. Então, esta educação naturalmente vai formar apenas uma parte deste ser humano, a parte que é considerada pela premissa educacional fundante. Os outros aspectos humanos serão formados ou definidos em outras esferas, formalmente separadas umas das outras — o que já diz muito sobre este fatiamento humano na modernidade.

### *A nova imagem do homem*

Ainda no início da chamada Idade Moderna, os iluministas propuseram não uma forma de educação, mas uma imagem do homem, a partir da natureza física e dos seus aspectos sociais, morais etc, isto é, de uma cidadania. É desta premissa funcional do homem que vai evoluir a educação moderna, profissionalizante, pois um reducionismo leva

naturalmente a outro. Na Idade Média, a imagem do homem não estava encerrada num papel de profissional, para o qual apenas precisa dominar um ofício, tampouco na ideia racional do cidadão, que apenas necessita de virtudes e conduta moral aceitável. A imagem do homem era aquela descrita no Gênesis, isto é, a imagem e semelhança de Deus. Da mesma forma, as virtudes estavam ancoradas no Primeiro Mandamento. Naturalmente, o inimigo do homem e de Deus, o adversário, não conseguiria propor uma imagem de homem à sua própria imagem e semelhança, visto que o Demônio, embora pai da mentira, não pode violar a lei natural. Mas ele pode, a partir de uma seleção de aspectos da realidade, construir uma falsa realidade, um falso conceito e propor uma falsa premissa para resolver determinado problema que realmente exista. Ora, se o amor a Deus sobre todas as coisas necessita de intermediação, basta sugerir mediações úteis a este fim, não é mesmo? Mas digamos que mesmo este fim pode ser alcançado ou aproximado num tempo mais longo, dando maior

possibilidade para mais pessoas, homens de distintas naturezas. Assim, vai-se ampliando uma noção a partir dos seus instrumentos e aspectos, jogando com os efeitos e intenções, transferindo-os para a esfera da ação humana.

### *A Universidade laica*

Depois que as universidades deixaram de ser exclusivamente ensinadas pelo clero, formado nas antigas escolas catedrais em que a prática da vida contemplativa era uma condição para o estudo e ensino, uma nova geração de professores já não via nenhuma vantagem, ou diferença, entre a vida ascética e a vida laica, desde que o ensino fosse dado a contento. Sem a prática rigorosa do clero monástico, a classe dos professores rapidamente deixou de compreender a ligação entre as virtudes e Deus, já que essa ligação só se obtém pela prática ascética e vida contemplativa. Um conceito de virtude começava a surgir, o que antes não necessitava. Ao mesmo tempo,

a imagem religiosa do homem passou a ser vista como mero conceito abstrato inventado pelo homem.

É desta época o advento da filosofia nominalista, que evitava os princípios universais em nome de um conceito sintético e meramente nominal, isto é, definido pela existência dos objetos e não da sua essência, como pregava a filosofia clássica até então. Essa filosofia foi um produto da decadência educacional ocorrida no final da Idade Média, que deu origem ao período posterior chamado de Renascimento<sup>9</sup>.

Uma nova imagem do homem passou a existir. Afinal, se o homem já não era o que dizia Deus nas Escrituras (à imagem e semelhança), pois o nominalismo considerava o conceito das coisas conforme a experiência prática e não a contemplação dos princípios eternos que os originava, naturalmente este homem deveria estar entregue a si mesmo para

---

<sup>9</sup> O Código da Educação.

organizar-se e definir outros aspectos da vida da maneira que bem entende. Na filosofia pós-kantiana, por sua vez, passa-se a acreditar na impossibilidade do conhecimento das coisas em si mesmas, restando apenas seus fenômenos físicos e observáveis. Na prática, o próprio homem nomearia e conceitua as coisas conforme suas necessidades práticas. Começa a evolução das ciências e da técnica, sob o pretexto de que a Criação era como uma máquina funcionando, cabendo ao homem desvendar seus segredos e, quem sabe, reparar possíveis equívocos. Quem sabe até criando uma nova realidade mais adequada.

Amparados pelo desenvolvimento das ciências naturais, e entusiasmados com a própria decadência abstrativa e espiritual, os filósofos da modernidade começaram a combater o que descreviam como reducionismo religioso, propondo então o seu próprio reducionismo. De redução em redução, o homem foi se amoldando ao produto dessas propostas de conhecimento de si mesmo através das

transformações educacionais, reduzindo ainda mais a sua capacidade para transcender o fundamento das virtudes, isto é, contemplar o Sumo Bem. A religião se torna, na modernidade, apenas mais um discurso, que o homem adere simplesmente “porque sim”, sem a compreensão prática ou aprofundada, já que a racionalidade humana foi divorciada da fé pelos iluministas, criando duas realidades incomunicáveis. Resta-nos aprender a ser bom, ou menos terrível, diante de um mundo incompreensível. Para isso, é preciso um método educacional.

Aquela geração degradada filosófica e moralmente nomeia-se a si mesma como os Humanistas, definindo uma série de conhecimentos necessários ao bom humanista. Para criar esse método educacional, eles se inspiraram na Antiguidade Clássica, na escola pitagórica. Mas como não tinham capacidade para criar algo novo com base nisso, usaram a nomenclatura usual na Idade Média, as chamadas Artes Liberais, uma sistematização feita por Santo

Agostinho para a sua própria educação, baseada nos clássicos gregos e adaptada ao cristianismo. O que fizeram os humanistas, avessos à metafísica cristã devido suas simpatias esotéricas, foi “desadaptar”, isto é, descristianizar a Antiguidade, pegando, por exemplo, textos de Aristóteles fora da teologia tomista, readmitindo os erros retirados pela Escolástica, entre eles o dualismo filosófico antigo.

O dualismo já havia sido reapropriado pelos gnósticos e seitas esotéricas pelos primeiros cristãos, mas fora desacreditado pelos medievais. Trata-se de uma separação radical entre corpo e alma. Desta separação, veio a dualidade proposta por René Descartes, inspirador do método científico moderno.

Santo Agostinho havia tomado o cuidado de utilizar as Artes Liberais inspirado em Platão, mas com a ressalva de evitar o que Platão temia: a transformação da filosofia em um jogo de palavras sem lastro na realidade, usada apenas para o divertimento de

adolescentes. Esse temor era devido ao ensino da retórica, tema preferido dos sofistas. Era por isso que Santo Agostinho dava mais importância ao Quadrívium do que ao Trívium, pois este último, sendo o início dos estudos, privilegiava a leitura, oratória e declamação de poemas, o que conduzia fatalmente a uma vaidade erudita. Este foi exatamente o erro cometido na modernidade pelos humanistas, que valorizaram o Trívium e transformaram a educação em uma formação meramente retórica.

Mas qual era a meta original dos humanistas? Influenciados por misticismos avessos à Igreja Católica que haviam sido rejeitados na Idade Média, esses humanistas puderam resgatar todo o esoterismo presente no paganismo antigo com a justificativa de uma luta contra o “obscurantismo” que associavam à era medieval.

Afinal, sem o lastro espiritual da prática religiosa e contemplativa, como compreender as virtudes?

Restava a literatura, a poesia, os discursos inflamados de grandes homens. Mais nada. A progressiva secularização da sociedade seguiu estes caminhos até o momento em que vivemos.

### *Um novo humanismo conservador*

Com o interesse pela cultura clássica reascendido por conservadores que buscam resgates culturais em meio a uma decadência observável da educação, a educação clássica passou a ser objeto de atenção nos últimos anos. Na boa intenção de melhorar as capacidades cognitivas de seus filhos ou alunos, optaram pelo estudo da poesia, da literatura e de uma questionável “educação da imaginação”, que a pretexto de uma melhoria na *qualidade* das imagens da vida e da história humanas, acabaram por optar por uma pouco criteriosa *quantidade* e pelo recurso de uma imaginação pouco prudente em matéria de influências modernas e não raro revolucionárias.

Afinal, foi pela mudança progressiva desse mesmo imaginário que a modernidade foi se transmutando naquilo que preconizava a cosmovisão alternativa ao cristianismo. Não por acaso, o resultado moderno desta mesma cultura humanista foi o indiferentismo religioso, explicitado nos dualismos cartesiano e moderno.

Há quem defenda que os católicos devam utilizar certas premissas modernas para retroceder de maneira mais lenta a cultura de volta ao ponto em que teve início a secularização. Esta proposta, além de presunçosa em certo sentido, deixa de fora fatos comprovados que demonstram a identidade anticristã da modernidade, não sendo meramente uma “época atual” neutra ou que chegou a este ponto de maneira espontânea e natural, sem o concurso de forças políticas, culturais e espirituais empenhadas na progressiva descristianização. Não estariam tais educadores clássicos fazendo exatamente o que pretendiam os humanistas da Renascença, em sua

imensa maioria associados a sociedades maçônicas assumidamente anticristãs? Eles queriam a exclusão dos elementos cristãos, transformando as virtudes numa habilidade meramente natural e humanamente conquistável, já que, segundo Jean Jacques Rousseau, o homem era bom e a sociedade o corrompia. O mito do “bom selvagem”, ainda em vigência hegemônica no mundo de hoje, é o que explica a crença na utilização de “virtudes sociais” para omitir a necessidade de Deus e da Igreja para o mundo.

Servem-nos de indispensável alerta a obra de Abbé Barruel, publicada ainda no tempo da Revolução Francesa e que confirmou as intenções maçônicas por detrás do evento histórico que mudou o Ocidente, além de tantas outras obras neste sentido. Sem nos estendermos aqui em referências bibliográficas, o que seria tedioso e apenas academicamente apreciável, as obras que demonstram tal influência são incontáveis e demonstram como as premissas maçônicas, vindas especialmente da vontade de extinguir o cristianismo

da sociedade, estiveram atuantes e foram traduzidas nas ideologias políticas contemporâneas.

A cultura atual foi, desde aquela Renascença, marcada pelo combate e exclusão consciente de todos os símbolos e influência cristã na sociedade, especialmente aqueles associados à Igreja Católica e a sua tradição. Este processo não aconteceu como um efeito natural de um suposto avanço racional ou evolução espontânea da humanidade, como garante a propaganda iluminista, mas como um projeto claro e declarado neste sentido. Atestam este fato uma lista interminável dos documentos, manifestos maçônicos, protestantes e uma densa montanha de livros esotéricos que professavam o anticatolicismo, a promessa de uma nova sociedade iniciada pela expulsão de toda referência católica. Este fenômeno, referido por inúmeros historiadores contemporâneos, é o que caracterizou a classe dos intelectuais humanistas surgida no período renascentista, especialmente na Itália, espalhando-se pela Europa.

Da modernidade científica e cientificista, esotérica e anticatólica, prosseguiu um desenvolvimento intelectual que legou aos nossos dois últimos séculos a sua característica marcadamente neopagã e espiritualista. A propaganda protestante contra a Igreja Católica cuidou de manter distante da sociedade as ordens religiosas, vistas como opressoras e supersticiosas, como mostramos num dos artigos desta edição. Este crescente distanciamento da vida contemplativa, que é a prática real das virtudes ligadas no seu lastro espiritual, culminou na incompreensão social que levou à Revolução Francesa, ao comunismo soviético, ao ateísmo moderno e niilista, nas revoluções comportamentais do século XX e, por fim, na cultura woke que visa destruir a própria natureza humana por meio de uma sabotagem à cognição e inversão da ordem natural.

## *A teologia personalista*

O processo pelo qual isto se deu não poderia prescindir jamais de uma deturpação cada vez mais profunda da imaginação moral através de obras literárias e poéticas, de uma arte grosseira e progressivamente ofensiva à fé. Em meio a isso, muitos teólogos da Igreja se viram sem saída e optaram por aderir a uma parte do mal na esperança de não perder tantas almas. A filosofia personalista, espécie de novo existencialismo cristão, parecia a grande esperança, mas terminou por afundar ainda mais os católicos num individualismo permitido. Este último processo, tem levado, ainda hoje, muitos a buscarem na religião um aperfeiçoamento pessoal, moral, espiritual, mas muitas vezes apenas cognitivo, mental, físico e até profissional. Tudo, porém, focado no indivíduo, recurso natural depois de um antropocentrismo exacerbado iniciado no ideal humanista da educação clássica.

É claro que, de maneira geral e até genérica, a opção pelo estudo da literatura para o aperfeiçoamento da imaginação possui grande importância moral, como atestam importantes nomes como Victor Frankl, que mostra como a ligação com uma alta cultura, uma cultura de padrões elevados no sentido da beleza, bondade e verdade, dá sentido tanto à vida no seu conjunto quanto aos aspectos mais dolorosos pelos quais todo ser humano passa. No entanto, esta abordagem humanista do sofrimento traz hoje grandes riscos, especialmente num contexto pós-moderno. O sofrimento de Cristo não pode ser “humanizado” sem o risco de ter reduzida a Sua imagem, sendo este sofrimento, na verdade, o lastro concreto e eterno de todo o sofrimento vivido por aqueles que O seguem. Indo “de baixo para cima”, esta filosofia humanista e personalista faz um caminho inverso, o que embora possa ter suas vantagens psicológicas, têm profundas consequências sob o ponto de vista da cosmovisão, terminando por

inverter a ordem natural em uma verdadeira paródia que substitui a realidade.

Ainda sobre a defesa desta ideia por conservadores atualmente, autores como Gregory Wolfe, no livro *A beleza salvará o mundo*, argumentam que o sentido de beleza, assim como o de tradição, devem ser ampliados para abrigar formas existentes em todas as épocas, advogando assim a possibilidade de uma “tradução” do Bem, Beleza e Verdade, através dos séculos numa diversidade de formas. Haveria um valor moral intrínseco ao passar do tempo e da história? O fato de algo vir depois significa uma obrigatoriedade para a aceitação e tradução atualizada das tradições? O que pode parecer um alívio de otimismo em meio a um mundo hostil, porém, pode estar pecando pela ingenuidade em matéria de mundo moderno. Seria o conceito de beleza do século XX, da arte moderna, um sentido do nosso tempo simplesmente? Ou ele faz parte de um projeto muito claro de destruição destes valores a partir da distorção

da beleza, das formas, ambicionando exatamente a devastação cognitiva e moral que vivemos? Considerando esta última hipótese, como poderíamos reverter este processo utilizando a mesma forma, isto é, os mesmos meios?

O efeito do recurso à imaginação ficcional, apesar de seus aparentes sucessos culturais e possibilidades de aproveitamento à fé, teve a função histórica e psicológica de fazer o homem prescindir da história sagrada, dos milagres e da vida dos santos, referências diretas ao mundo do sobrenatural, tidos pela modernidade como aspectos culturais relativos e apenas dignos de uma pequena admiração por serem restritos ao “mundo da fé”. Oriundos da separação entre fé e razão, no final da Idade Média, a divisão cartesiana entre *res cogitans* e *res extensa* (coisas pensantes e coisas extensas), conduziu a modernidade a restringir a fé ao mundo subjetivo, sendo a ciência definida pelo que é mensurável e observável pelos sentidos como o único e exclusivo método de alcançar

a verdade. A isto se seguiu uma interpretação segundo a qual o que vale, em matéria de fé, é apenas o que está no interior, um cogitans, que no mundo social, político e cultural, equivale ao domínio do subjetivo e, portanto, relativo e interior.

Este foi o efeito do movimento realista, contra o qual insurgiu-se o simbolismo e o romantismo, frutos do idealismo, que buscava resgatar a fé e a mística, mas no mesmo critério cartesiano, isto é, a partir da revalorização do subjetivo, individual. O resultado da crítica às ideias iluministas não foi um retorno saudável à tradição a partir do restabelecimento da fé e razão, mas uma afirmação orgulhosa e subjetivista da imagem do passado construída por esta mesma modernidade que a desejava extinguir. Ou seja, se a fé é uma coisa subjetiva, como diziam os iluministas, então estes anti-iluministas aparecem para confirmar isso, mas em defesa da fé como sentimento, emoção, em defesa da força do subjetivo.

A literatura de ficção teve um grande desenvolvimento no final do século XIX e início do XX, em grande parte devido a essa separação e abertura aos mundos do subjetivismo e da imaginação como caminho para uma verdade que, embora acessível apenas individualmente, encontra-se com o Absoluto. Nisto muitos conservadores católicos apostaram todas as fichas e até certo momento histórico pareceu obter bons frutos na modernidade. Mas com o aprofundamento da pós-modernidade, isto pode ter conduzido a resultados menos assertivos.

Afinal, o desenvolvimento da ficção moderna e a sua popularidade abriu as portas à ideia de uma multiplicidade de universos incomunicáveis, os chamados multiversos. A tentativa de comunicação entre estes universos criou fendas perigosas à imaginação moral através da estética cientificista, quântica, etc. Indo parar no retorno do interesse por crenças orientais. Mundos imaginários reforçam a

mentalidade relativista segundo a qual uma alegoria é apenas um dado cultural relativo. Essa conclusão leva a duas alternativas: ou é falso por ser subjetivo ou pode ser cultuado em si mesmo como uma opção, tendo seus significados reduzidos a uma hermenêutica pessoal, culturalmente explicável ou psicologicamente justificável devido aos seus possíveis efeitos positivos.

Tudo isso aprofundou com explicações culturalistas, sociológicas e psicológicas, uma premissa muito cara à antiga Maçonaria: o indiferentismo religioso, prometido pelos maçons que se tornaria hegemônico no Ocidente através do domínio do clero e da Igreja Católica, como profetizou a carta intitulada Alta Vendita e, mais tarde, o maçom Albert Pike.

O resultado disto, temos visto, é o retorno de mitologias neopagãs justamente para fazer frente ao relativismo materialista moderno, conduzindo muitas almas a uma versão “objetiva” de mitos e lendas pagãs

da antiguidade, carentes da afirmação mais contundente da fé católica, desaparecida na modernidade. Os conservadores sabem se proteger do ocultismo explícito na leitura de Harry Potter, mas são indiferentes ao efeito das obras de Tolkien, que se tornou popular desde os anos 60, sendo responsável por toda a estética hippie (assumidamente baseada nos hobbits), na contracultura e numa imagem construída de uma estética medieval que exclui a Igreja Católica e a própria cosmovisão cristã, substituída pela mitologia nórdica, que passou a ser cultuada junto com o retorno ao paganismo.

Os adeptos da educação clássica parecem ignorar este processo e optam otimistas pelos elementos modernos como caminho ou via de mão dupla, como se ela pudesse, ao mesmo tempo, ter sido criada para destruir a cristandade e reconstruí-la. Na verdade, este pressuposto apenas recorta um antropocentrismo clássico, retornando às premissas humanistas do

período em que se iniciava a cultura anticatólica no Ocidente.

Com isso, é de grande ingenuidade dar às crianças um estudo dos clássicos, relegando a educação religiosa à família — tópico do indiferentismo religioso moderno que restringe a fé ao ambiente doméstico — conduzindo adolescentes e crianças aos mundos imaginários que possuem a única função de relativizar a fé mais tarde, tornando-a sem grandes atrativos e até mesmo inverossímil. Um dos efeitos práticos disso é a incapacitação para a compreensão da fé, uma condição antes comum apenas aos não batizados. Mas a meta da educação clássica, infelizmente, é exatamente esta: excluir a religião para que o homem possa ser o centro do universo, como queriam os Iluministas.

Todas as sociedades secretas se fizeram na modernidade sob a alegação de representarem longas tradições espirituais que remontavam, por exemplo,

ao antigo Egito. Como mostramos no artigo sobre René Guénon, esses cultos não tinham nada de análogo ao cristianismo, mas, ao contrário, representavam o barbarismo satânico e pagão mais violento e anticristão que pudesse existir, a oposição completa ao projeto de Deus. No entanto, explorado como mera cultura exótica exterior, estética curiosa, veio ao Ocidente participar dos nossos sonhos contemporâneos por meio dos Renascentistas, na modernidade e, atualmente, pelos adeptos do resgate cultural. O problema é que não há vácuo espiritual: a ideia de mitos ou cultos neutros é obviamente uma armadilha satânica.

Quando essas propostas focam em mitologias grega e romana, entre outras, expressas atualmente em versões cinematográficas e mesmo literárias como a mitologia nórdica e em obras como a de Tolkien, restringe-se o imaginário a uma reconstrução deste tempo, feita com intenções bem diferentes da original. Mas qual é a intenção original? Antes de

sabermos sobre os mitos em seu próprio tempo, lembremos que eles chegaram a nós pelo projeto da modernidade, inaugurado pela classe dos humanistas da Renascença, cuja meta assumida era criar uma cultura universal ocidental sem a necessidade do cristianismo, visto como conjunto de superstições e obscurantismos. Mas se o resgate renascentista foi por razões ocultistas, o que dizer do novo resgate do paganismo feito pelos neofascistas da nova teosofia russófila, dos tradicionalistas guenonianos baseados na luta contra o mundo moderno para o estabelecimento de um relativismo primitivo? Trata-se de um projeto de retorno do paganismo por meio da defesa de uma diversidade cultural e espiritual, um verdadeiro upgrade da Revolução como nunca se viu.

Outro aspecto que não será possível explorar aqui, mas que serve de alerta para uma possível análise mais aprofundada, é o conteúdo esotérico dos contos de fada, muito utilizados como formas de ensinar

virtudes segundo a Educação Clássica. A inclusão dos contos de fada não leva em conta o processo de crescimento e fascínio sobre conteúdos esotéricos implícitos em um simbolismo abrangente na cultura ocidental.

O que sabem sobre isso os adeptos da Educação Clássica quando ensinam a seus filhos sobre os mitos gregos e deixam de fora, ou ao menos dão menos valor, às vidas dos santos? De tanta erudição, parece que não veem o que está diante deles.

**Mundo moderno**

A VERDADEIRA GUERRA  
ETERNA POR TRÁS DA  
MODERNIDADE

*Edmilson Martins*

Parece que um dos fins objetivados pelas guerras inventadas pelas elites é a devastação dos lugares sagrados cristãos e a profanação de suas datas santas, bem como a dispersão da presença cristã de

lugares sensíveis e tradicionalmente relacionados com o simbolismo geográfico e sua reverberação no domínio sutil e espiritual.

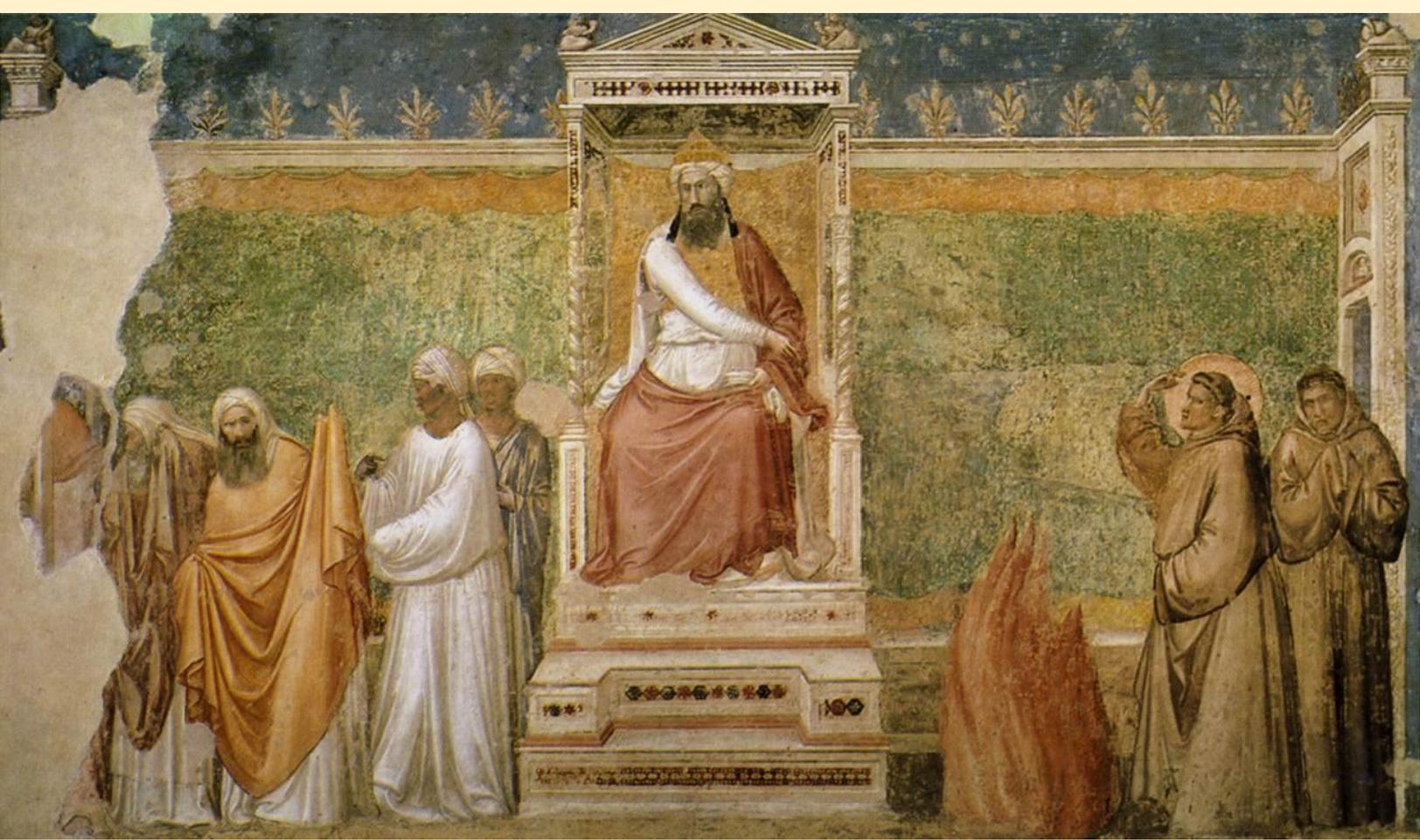
Tudo isso tem a finalidade de diminuir a influência espiritual do Cristianismo em face de outro poder “espiritual” que deseja criar uma “nova era”. Provavelmente, tudo isso tem alguma conexão com a ideia das Sete Torres do Diabo, centros de dispersão de influência demoníaca cuja existência foi trazida ao público “profano” por René Guénon. A possível existência destas áreas geográficas foi um assunto que ganhou importância política e ideológica a partir do debate entre Olavo de Carvalho e Alexander Dugin.

Espalhadas pelo Oriente e pela África, as Sete Torres formariam uma imagem invertida da Ursa Menor. O urso está relacionado com a casta da nobreza (kshatriya) e sua reprodução provavelmente tem relação com a revolta metafísica da casta kshatriya

contra a casta sacerdotal (brâmane). Algumas destas “torres” podem ter um suporte tangível e outras não.

Isso evoca também a ideia do simbolismo dos sete planetas e os sete senhores dominadores (arcontes) das respectivas esferas celestes, em seu aspectos ou “reflexos” sombrios, relacionados com o domínio do mundo material segundo os gnósticos. Para alguns, as zonas representativas das Sete Torres estariam relacionadas com a queda ou descida dessas Sete Potências.

Na verdade, como podemos ver, toda essa bagunça esotérica trata de uma das consequências da verdadeira guerra entre potências angélicas nas regiões celestiais. Cada exército tem suas peças neste mundo e as move de acordo, derrotando as peças adversárias. Evidentemente, se trata de uma guerra ilusória para os demônios, pois cada “vitória” sua é permitida para um maior prejuízo seu e dos seus seguidores e para maior glória de Deus no dia do acerto de contas.



# O “DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO” DE SÃO FRANCISCO COM O SULTÃO

“Manda acender uma grande fogueira, e eu desafio os  
teus sacerdotes a avançarem comigo para o meio do fogo.  
Dessa forma se poderão dissipar as dúvidas, acerca de  
qual das crenças é a mais santa e a mais certa”

(S. Francisco de Assis ao Sultão)

Em uma época de profundo indiferentismo religioso, que avança até mesmo dentro da Igreja, torna-se oportuno recordar o que fez o maior de todos os santos, São Francisco de Assis, ao ir falar com o sultão sarraceno, não para o lisonjear e afirmar uma igualdade religiosa inexistente, mas para instá-lo à conversão a Cristo.

Com evidente intenção de ser mártir, São Francisco foi ao encontro do sultão com seus freis, disposto a morrer por Cristo. Um dos melhores relatos desse

episódio foi o escrito por São Boaventura, cujo trecho se segue abaixo.

*Como lobos em busca de ovelhas lançaram-se brutalmente a eles, agarraram-nos com ódio e crueldade, cumularam-nos de injúrias, espancaram-nos e agrilhoaram-nos. Por fim, depois de maltratados e vexados de mil maneiras, levaram-nos — segundo os desejos do Santo e as disposições da Providência — à presença do Sultão. Quis ele saber quem é que os tinha mandado, com que fim; em que condições, e como é que tinham chegado ali. Com todo o sangue-frio, o servo de Cristo esclareceu que tinha sido enviado de além dos mares, não por qualquer homem mas pelo Deus Altíssimo; que vinha indicar-lhe, a ele e ao seu povo, o caminho da salvação e anunciar-lhe o Evangelho da verdade. Depois pregou ao Sultão os mistérios da Trindade e da Redenção. E fê-lo com tal fervor e entusiasmo, que bem parecia realizar-se nele aquilo do Evangelho: Hei-de pôr-vos na boca uma tal sabedoria, que nenhum dos vossos adversários conseguirá resistir-lhe nem pôr-lhe objeções.*

*Espantado com semelhante entusiasmo e coragem, o Sultão parecia gostar de o ouvir, sugerindo-lhe mesmo que ficasse por ali mais algum tempo com ele. Porém o servo de Cristo, instruído por uma indicação do céu, avançou: “Se de fato queres converter-te a Cristo, tu e o teu povo, eu com todo o prazer, e por amor dele, ficarei convosco. Mas vejo que te sentes indeciso em trocar a lei de Maomé pela de Cristo... Pois bem: manda acender uma grande fogueira, e eu desafio os teus sacerdotes a avançarem comigo para o meio do fogo. Dessa forma se poderão dissipar as dúvidas, acerca de qual das crenças é a mais santa e a mais certa”. “Duvido muito — replicou o Sultão — que algum dos meus sacerdotes se quisesse expor ao fogo ou suportar qualquer tormento em defesa da sua fé...”. De fato não lhe tinha passado despercebido que um dos seus sacerdotes, aliás sincero e venerável, ao ouvir o desafio de Francisco, se esgueirara sem que ele mais o visse.*

*O Santo mais se encheu de coragem: “Se quiseres prometer-me, em teu nome pessoal e no do teu povo, que abraçareis a religião de Cristo no caso de eu sair ileso do fogo, eu irei para lá mesmo sozinho. Nota*

*porém uma coisa: se eu me vier a queimar, isso será devido única e exclusivamente aos meus pecados! Pelo contrário, se o poder de Deus me proteger, é para que reconheçais por verdadeiro Deus, Senhor e Salvador de todos os homens, a Jesus Cristo, poder e sabedoria de Deus”. Não se atreveu o Sultão a aceitar o repto, por medo duma possível sublevação do povo. Preferiu oferecer-lhe numerosos e ricos presentes, que o homem de Deus rejeitou com desprezo: ele era ganancioso, é certo, mas não das riquezas do mundo, senão somente da salvação das almas. Esta atitude granjeou-lhe ainda maior estima por parte do Sultão, assombrado de ver um homem tão desprendido dos bens mundanos. Apesar de tudo, não quis, ou talvez melhor, não teve coragem de abraçar a fé cristã. Ainda assim, pediu ao servo de Cristo que aceitasse os presentes e os desse a cristãos necessitados ou igrejas pobres: esse gesto, pensava ele, era um passo no caminho da salvação. Mas o Santo, que por um lado tinha horror ao dinheiro, e por outro lado não descobria na alma do Sultão profundas raízes de verdadeira fé, recusou-se terminantemente a aceitar qualquer presente.*

*Verificou também com tristeza que nada conseguia quanto à conversão dessa gente, nem tão-pouco pressentia poder realizar o seu desejo de martírio... Uma revelação divina, de resto, veio dissipar-lhe as dúvidas. E voltou novamente para terras de cristãos. O que Deus em sua bondade decretara e o Santo por sua generosidade merecera, era ter Francisco conseguido o martírio de desejo. Pelo grande amor que dedicava a Cristo, tinha-se exposto a morrer por Ele sem o conseguir: mas haveria de ser marcado mais tarde com um selo e um símbolo desse martírio. O fogo divino que lhe ardia cada vez mais em labaredas no coração havia de alastrar até à carne. Ditoso de verdade, aquele cuja carne, sem ser ferida pelo ferro de um tirano, não deixou de apresentar tão perfeita semelhança com o Cordeiro Imolado! Plenamente ditoso de verdade, aquele a quem “a espada do perseguidor não tirou a vida, sem, no entanto, perder a palma do martírio!”.*



Regina Militēs